

Sabedoria de Sri Aurobindo

(Seleção de seus escritos)

Índice

<i>Índice.....</i>	<i>1</i>
<i>Resumo Da Vida De Sri Aurobindo.....</i>	<i>2</i>
<i>O Ensino de Sri Aurobindo.....</i>	<i>4</i>
<i>Nosso Objetivo.....</i>	<i>5</i>
<i>A Lei do Caminho.....</i>	<i>6</i>
<i>Toda Vida é Yoga.....</i>	<i>7</i>
<i>Certezas.....</i>	<i>7</i>
<i>Os Auxílios e o Objetivo.....</i>	<i>8</i>
<i>O Guru do Yoga Integral.....</i>	<i>9</i>
<i>Os Símbolos Exteriores.....</i>	<i>9</i>
<i>Forma.....</i>	<i>10</i>
<i>Por que a Oração?.....</i>	<i>10</i>
<i>O Mestre do Mundo.....</i>	<i>11</i>
<i>O Shastra do Yoga Integral.....</i>	<i>12</i>
<i>O Senhor dos Trabalhos.....</i>	<i>13</i>
<i>A Vontade Suprema.....</i>	<i>14</i>
<i>O Homem, Um Ser Transicional.....</i>	<i>15</i>
<i>A Alma e o Ser Psíquico.....</i>	<i>18</i>
<i>O Ser Psíquico e o Psíquico.....</i>	<i>19</i>
<i>O Ser Psíquico e o Eu (Espírito).....</i>	<i>19</i>
<i>Renascimento.....</i>	<i>20</i>
<i>O Objetivo do Nascimento, Renascimento e Boas e Más Ações.....</i>	<i>20</i>
<i>É Isto o Fim?.....</i>	<i>21</i>
<i>A Real Dificuldade.....</i>	<i>22</i>
<i>O Entrave.....</i>	<i>23</i>
<i>É a Existência uma Ilusão?.....</i>	<i>23</i>
<i>A Pressão do Espírito Escondido.....</i>	<i>24</i>

<i>O Eu Aparente e o Eu Real</i>	25
<i>Os Grilhões</i>	26
<i>A Verdade Secreta</i>	27
<i>Destino e Livre Arbítrio</i>	27
<i>Psicologia</i>	29
<i>Consciência</i>	30
<i>Forças e Poderes Ocultos</i>	31
<i>O Eterno, O Infinito, O Único</i>	32
<i>Trabalhos Divinos</i>	33
<i>A Graça Divina</i>	33
<i>O Divino - Uma Certeza Concreta</i>	34
<i>A Hora de Deus</i>	35
<i>Pensamentos e Vislumbres</i>	36
<i>Glossário</i>	36

Resumo Da Vida De Sri Aurobindo

Sri Aurobindo nasceu em Calcutá, Índia, a 15 de agosto de 1872. Aos sete anos foi levado para estudar na Inglaterra. Durante uma brilhante carreira acadêmica em St. Paul's, Londres, e no King's College, estudou literatura inglesa, literatura francesa, aprendeu e dominou o grego e o latim. Além dessas línguas, o alemão, o italiano e o espanhol também lhe eram familiares e podia ler facilmente Goethe, Dante e Calderón em seus originais. Estudou durante catorze anos na Inglaterra, onde adquiriu um profundo conhecimento da cultura européia antiga, medieval e moderna.

Voltou à Índia em 1893 e passou treze anos em Baroda, a serviço administrativo e educacional do estado. Na Inglaterra havia recebido, de acordo com as instruções expressas de seu pai, uma educação inteiramente ocidental, sem nenhum contato com a cultura da Índia e do Oriente. Em Baroda, ele procurou compensar essa deficiência estudando sânscrito e várias línguas indianas modernas, para assimilar o espírito da civilização indiana em todos os seus aspectos. Foram anos de aprendizado cultural e criação literária, porém grande parte desse período passou-os em atividade política silenciosa.

Em 1906, Sri Aurobindo foi para Bengala para juntar-se abertamente ao movimento de libertação da Índia, que durante anos havia organizado em silêncio. Seu jornal "Bande Mataram" rapidamente tornou-se a voz mais poderosa do Movimento Nacionalista Indiano. Três vezes processado por suas atividades, todas as vezes foi libertado por falta de provas. Finalmente, em 1908, o Governo Inglês conseguiu implicá-lo no Caso da Conspiração de Alipore e mantê-lo no cárcere por um ano, entre 1908 e 1909.

Esse ano de detenção, Sri Aurobindo passou-os na prática de Yoga. Foi o tempo em que uma série de experiências espirituais decisivas mudou o curso de sua vida futura. Ele ainda participou do movimento revolucionário até 1910 quando, em resposta a um chamado interior, retirou-se das atividades políticas e recolheu-se em Pondicherry para dedicar-se exclusivamente à sua vida espiritual.

Depois de quatro anos de recolhimento, em 1914, ele começou a editar, em colaboração com sua discípula, Mirra Alfassa, que mais tarde se tornou conhecida como A Mãe, um jornal filosófico chamado "Árya". Os mais importantes trabalhos seus - The Life Divine, The Synthesis of Yoga, Essays on the Gita e The Ideal of Human Unity apareceram pela primeira vez. Esses trabalhos compreendiam muito dos conhecimentos interiores adquiridos em sua prática de Yoga. Tendo reunido todas as verdades essenciais de experiências espirituais passadas, ele trabalhou por um método mais completo de Yoga, que pudesse transformar a natureza humana e divinizar a vida.

Sri Aurobindo era um poeta prolífico em inglês e sua poesia abrangia poemas líricos, sonetos, longos poemas narrativos, poemas dramáticos. Porém seu trabalho supremo espiritual é o épico Savitri.

Sri Aurobindo anteviu a possibilidade de uma vida divina na terra e lutou para realizá-la. Durante os quarenta anos passados em Pondicherry, permaneceu completamente absorvido em seu trabalho espiritual, mas conservou-se a par de tudo o que se passava no mundo. Quando necessário interferia, mas apenas com sua força espiritual e ação silenciosa.

Ele faleceu em 1950, aos 78 anos, contudo sua visão e ideais continuaram a atrair a atenção do mundo inteiro. Seu trabalho tornou-se conhecido como "O Yoga Integral de Sri Aurobindo", porque, como ele dizia "Toda vida é Yoga". - "Este Yoga significa não somente a realização de Deus, mas uma completa consagração e mudança das vidas interiores e exteriores, até que a natureza humana transformada possa manifestar uma consciência divina e tornar-se parte do Trabalho Divino".

...Levanta teus olhos em direção ao Sol.

Ele Está lá nesse maravilhoso coração de vida e luz e esplendor.

Observa à noite as inúmeras constelações cintilando como outras tantas fogueiras solenes do Eterno no silêncio ilimitado, que não é nenhum vazio mas pulsa com a presença de uma única existência calma e tremenda.

Olha lá Orion com sua espada e cinto brilhando como brilhou aos antepassados Arianos há dez mil anos atrás, no começo da era Ariana, Sirius no seu esplendor, Lyra percorrendo bilhões de milhas no oceano do espaço.

Lembra-te que estes mundos inumeráveis, a maior parte deles mais poderosos que o nosso próprio, estão girando com velocidade indescritível ao aceno desse Ancião dos Dias, a quem ninguém, exceto Ele, conhece, e contudo são milhões de vezes mais antigos que teu Himalaia, mais firme que as raízes de tuas colinas e assim permanecerão até que Ele, à sua mercê, sacuda-os como folhas murchas da eterna árvore do Universo.

Imagina a perpetuidade do Tempo, considera a incomensurabilidade do Espaço; e então lembra-te que, quando estes mundos ainda não existiam, Ele era ainda o Mesmo.

Observa que além de Lyra Ele está, e no longínquo Espaço onde as estrelas do Cruzeiro do Sul não podem ser vistas, ainda assim Ele lá está.

E então volta à terra e considera quem é este Ele.

Ele está bem perto de ti.

Repara naquele homem idoso que passa perto de ti, abatido e curvado, apoiado em seu bastão? Imaginas tu que é Deus quem está passando?

Há uma criança rindo e correndo ao sol.

Podes tu ouvi-lo nesse riso?

Não, Ele está ainda mais próximo de ti.

Ele está em ti, Ele é tu mesmo.

És tu quem ardes lá longe, há milhares de milhas de distância, nas infinitas extensões do Espaço, és tu que caminhas com passos confiantes sobre os turbulentos vagalhões do mar etérico.

És tu quem colocaste as estrelas em seus lugares e teceste o colar de sóis, não com mãos, mas por este Yoga, esta Vontade silenciosa, impessoal e inativa, que te colocou hoje aqui, ouvindo a ti mesmo em mim.

Olha para cima, oh filho do Yoga antigo e não sejas mais medroso e céptico; não temas, não duvides, não lamentes, porque em teu aparente corpo está Aquele que pode criar e destruir mundos com um sopro.

(Unanishads)

Se no Vazio sem significado a criação surgiu,

Se de uma força inconsciente a Matéria nasceu,
Se a Vida pode se erguer na arvore inconsciente,
E o encanto verde penetrar nas folhas esmeraldinas,
E seu sorriso de beleza desabrochar na flor,
E a sensação pode despertar no tecido, no nervo e na célula,
E o Pensamento apossar-se da matéria cinzenta do cérebro,
E a alma espiar de seu esconderijo através da carne,
Como não poderá a luz ignota se lançar sobre o homem,
E poderes desconhecidos emergirem do sono da Natureza?
Mesmo agora insinuações de uma Verdade luminosa como estrelas,
Erguem-se no esplendor da mente lunar da ignorância;
Mesmo agora o toque imortal do Amante sentimos,
Se a porta da câmara apenas estiver entreaberta,
O que então pode impedir Deus de furtar-se para dentro,
Ou quem pode proibir seu beijo na Alma adormecida?

(Savitri)

O Ensino de Sri Aurobindo

O ensinamento de Sri Aurobindo origina-se daquele dos antigos sábios da Índia, no qual, por trás das aparências do universo, existe a Realidade de um Ser e Consciência, um Eu de todas as coisas, uno e eterno. Todos os seres estão unidos àquele único Eu e Espírito, mas divididos por uma certa separatividade de consciência, uma ignorância de seu verdadeiro Eu e Realidade na mente, vida e corpo. É possível, por uma certa disciplina psicológica, remover este véu de consciência separativa e tornar-se consciente do verdadeiro Eu, a Divindade dentro de nós. O ensinamento de Sri Aurobindo declara que este único Ser e Consciência está envolvido aqui na Matéria. Evolução é o método pelo qual Ele se liberta; a consciência surge no que parece inconsciente, e uma vez tendo aparecido, é auto impelida para se elevar cada vez mais alto e ao mesmo tempo ampliar-se e desenvolver-se para atingir uma perfeição cada vez maior. A vida é o primeiro passo desta libertação de consciência; a mente é o segundo. Mas a evolução não termina com a mente; ela espera uma libertação em algo maior, uma consciência que é espiritual e supramental. O próximo passo da evolução deve ser em direção ao desenvolvimento da Supermente e Espírito como o poder dominante do ser consciente. Só então a Divindade envolvida nas coisas libertar-se-á inteiramente e será possível à vida manifestar perfeição.

Mas enquanto os passos precedentes na vida vegetal e animal eram tomados pela Natureza sem a vontade consciente, no homem, a Natureza torna-se capaz de evoluir por uma vontade consciente no instrumento. Não é, contudo, pela vontade mental no homem que isso pode ser inteiramente feito, porque a mente só alcança um certo ponto e depois disso pode apenas se mover em círculos. Deve ser feita uma conversão, uma mudança de direção de consciência, pela qual a mente tenha que se transformar no princípio mais alto. Este método é para ser encontrado através da antiga disciplina e prática psicológica de Yoga. No passado, isso foi tentado por um afastamento do mundo e um desaparecimento nas alturas do Eu ou Espírito. Sri Aurobindo ensina que é possível uma descida do princípio mais alto, que não meramente libertará o Eu espiritual além do mundo, mas o libertará no mundo, substituindo a ignorância da mente, ou seu mui limitado conhecimento, pela Verdade-Consciência supramental, que será um instrumento adequado do Eu interior e possibilitará ao ser humano se encontrar, tanto dinâmico como interiormente e excedendo sua humanidade ainda animal, florescer em uma raça mais divina. A disciplina psicológica do Yoga pode ser usada para este fim, pela abertura de todas as partes do ser a uma conversão ou transformação, através da descida e trabalho do mais alto princípio supramental ainda velado.

Isso, contudo, não pode ser feito de uma vez ou em pouco tempo ou por qualquer transformação rápida ou miraculosa. Muitos passos devem ser dados por aquele que busca, antes que a descida supramental seja possível. O homem vive a maior parte do tempo em sua mente, vida e corpo de superfície, mas existe um ser interior dentro dele com maiores possibilidades, para o qual ele tem que despertar - porque é apenas uma influência muito restrita deste ser interior que ele recebe agora e é ela que o impele a uma constante busca de beleza, poder e conhecimento. O primeiro processo do Yoga é, portanto, abrir as dimensões deste ser interior e viver de lá para fora, governando sua vida exterior por uma luz e força interiores. Assim fazendo, ele descobre em si sua verdadeira alma, que não é esta mistura exterior de elementos mentais, vitais e físicos, mas algo da Realidade por trás deles, uma faísca do único Fogo Divino. Ele tem que aprender a viver em sua alma e purificar e orientar, por seu impulso em direção à Verdade, o resto da natureza. Pode-se seguir posteriormente uma abertura para cima e uma descida do princípio mais alto do Ser. Mas mesmo então, não é imediatamente a plena Luz e Força supramentais. Pois há várias gradações de consciência entre a mente humana comum e a Verdade-Consciência supramental. Estas gradações interferentes têm que ser abertas e seu poder trazido para baixo, para dentro da mente, vida e corpo. Somente depois é que o pleno poder da Verdade-Consciência pode trabalhar na natureza. O processo desta auto-disciplina ou Sadhana é portanto longo e difícil, mas mesmo um pouco disso significa ganhar muito, porque torna mais possível a libertação e perfeição últimas.

Há muitas coisas pertencentes a sistemas mais antigos que são necessárias no caminho: uma abertura da mente para uma ampliação maior e em direção ao sentido do Eu e do Infinito, uma emergência para dentro do que foi chamado a consciência cósmica, domínio dos desejos e paixões. Um ascetismo exterior não é essencial, mas a conquista do desejo, apego e um controle sobre o corpo e suas necessidades, ambições e instintos são indispensáveis. Há uma combinação dos princípios de antigos sistemas: o caminho do conhecimento através do discernimento entre a Realidade e a aparência, o caminho da devoção, amor e entrega e o caminho dos trabalhos, desviando a vontade de motivos de interesse próprio, voltando-se para a Verdade e o serviço de uma Realidade maior que o ego. Pois o ser inteiro tem que ser treinado para que possa responder e ser transformado quando a estas Luz e Força maiores for possível trabalhar na natureza.

Nesta disciplina, a inspiração do Mestre, e nos estágios difíceis, seu controle e sua presença, são indispensáveis - pois, de outro modo, seria impossível atravessá-la sem muito tropeço e erro, que impediriam toda chance de sucesso. O Mestre é aquele que se elevou a uma consciência e ser mais altos e é freqüentemente considerado como sua manifestação ou representante. Ele não apenas ajuda por seu ensinamento e, mais ainda, por sua influência e exemplo, como também por um poder de comunicar sua própria experiência aos outros.

Este é o ensinamento e método de prática de Sri Aurobindo. Não é seu objetivo desenvolver nenhuma religião ou amalgamar religiões mais antigas ou fundar alguma nova religião - pois qualquer destas coisas desviariam de seu propósito central. O único objetivo do seu Yoga é um autodesenvolvimento interior pelo qual cada um que o seguir possa, com o tempo, descobrir o único Eu em tudo e evoluir uma consciência mais alta que a mental, uma consciência espiritual e supramental, que transformará e divinizará a natureza humana.

Nosso Objetivo

Se estas coisas não me satisfazem, que procuro eu? Procuro uma luz que seja nova, muito embora antiga, na realidade, a mais antiga de todas as luzes. Procuro uma autoridade que aceitando, iluminando e harmonizando toda verdade humana, ainda assim rejeite e livre-se de todo erro humano, explicando-o. Procuro um texto e um shastra que não estejam sujeitos à interpolação, modificação e substituição, que a mariposa e o térmita não possam destruir, que a terra não possa sepultar, nem o Tempo mutilar. Procuro um ascetismo que me dê pureza e que me liberte do egoísmo e da ignorância, sem anular Deus e Seu universo. Procuro um ceticismo que duvide de tudo, mas que tenha a paciência de não negar nada que tenha possibilidade de ser verdade. Procuro um racionalismo que não provenha da suposição insustentável de que todos os séculos da história do homem tenham sido séculos de loucura e de superstição, exceto o décimo nono, mas que se incline para descobrir a verdade, em vez de limitar a investigação por um novo dogmatismo, obscurantismo e furiosa intolerância que escolha de chamar senso comum e iluminação. Procuro um materialismo que reconheça a matéria e a use, sem se tornar seu escravo. Procuro um ocultismo que apresente todos seus processos à luz do dia, sem mistério, sem prestidigitação, sem a estúpida chamada à humanidade "Seja cego, homem, e - veja !" Resumindo, não procuro ciência, nem religião, nem Teosofia, porém Veda - a verdade sobre Brahma, não apenas sobre sua essencialidade, mas sobre Sua manifestação, não uma lâmpada no caminho para a floresta, mas uma luz e guia para ter regozijo e ação no mundo, a verdade que está além da opinião, o conhecimento que todo pensamento persegue - yasmin vijñāte sarvam vijñātan. Acredito que o Veda seja a base do sanatam dharma; acredito que seja a divindade oculta dentro do Hinduísmo - porém, um véu tem que ser posto de lado, uma cortina tem que ser levantada. Acredito que isso possa ser conhecido e descoberto. Acredito que o futuro da Índia e do mundo dependam dessa descoberta e da sua aplicação, não para a renúncia da vida, mas para - viver no mundo e entre os homens.

A Lei do Caminho

Primeiro esteja certo do chamado e da resposta de tua alma. Se o chamado não for verdadeiro, não for o toque dos poderes de Deus, ou a voz de seus mensageiros, mas a ilusão de teu ego, o fim de teus esforços será um pobre fiasco espiritual ou até mesmo um desastre mais profundo.

E se não for o fervor da alma, mas apenas o consentimento ou o interesse da mente que responde às intimações divinas, ou somente o desejo da vida inferior que se agarra a algum aspecto da atração dos frutos do Poder do Yoga ou do prazer do Yoga, ou apenas uma emoção transitória, que salta como uma chama insegura, movida pela intensidade da Voz ou sua doçura ou grandeza, então, também, pode haver pouca certeza para ti no difícil caminho do Yoga.

Os instrumentos exteriores do homem mortal não têm força para o levar através dos ardores severos desta jornada espiritual e da titânica batalha interior, ou para enfrentar suas provações terríveis e obstinadas, ou encorajá-lo a vencer seus perigos sutis e tremendos. Somente a vontade firme e venerável do espírito e o fogo insaciável do ardor invencível de tua alma é que são suficientes para esta transformação difícil e este empreendimento elevado e improvável.

Não imagines que o caminho seja fácil; a senda é longa, árdua, perigosa e difícil. A cada passo existe uma emboscada, em cada curva uma cilada. Milhares de inimigos, vistos e não vistos, lançar-se-ão contra ti, terríveis em sua sutileza contra tua ignorância, tremendos no poder contra tua fraqueza. E quando com dor conseguire destruí-los, outros milhares lançar-se-ão para tomar seu lugar. O Inferno vomitará suas hordas para oprimir e cercar e ferir e ameaçar; os Céus enfrentar-te-ão com seus testes impiedosos e suas negações luminosas e frias.

Encontrar-te-ás sozinho em tua angústia, os demônios furiosos em teu caminho, os Deuses relutantes acima de ti. Antigos e poderosos, cruéis, inconquistáveis e próximos e inumeráveis são os Poderes terríveis e escuros que lucram com o reino da Noite e da Ignorância, que não querem mudança e são hostis. Longínquos, lentos em chegar, distantes e poucos e breves em suas visitas, são os Luminosos que querem e são permitidos dar socorro. Cada passo para a frente é uma batalha. Há descidas precipitadas, há ascensões infundáveis e sempre picos e picos mais elevados para conquistar. Cada planalto escalado é apenas um estágio no caminho e revela, além, alturas sem fim. Em cada vitória que tu pensas ser a última luta triunfante, evidencia-se somente o prelúdio de batalhas perigosas e centenas de vezes mais ferozes.

Mas tu não disseste que a mão de Deus estará comigo e a Divina Mãe perto com seu gracioso sorriso de socorro? E não sabes tu que a Graça de Deus é mais difícil de ter e de conservar que o néctar dos Imortais ou os tesouros inestimáveis de Kuvera? Pergunta a teus escolhidos e eles dir-te-ão quantas vezes o Eterno escondeu deles Sua face, quão freqüentemente Ele se retirou para trás de seu véu misterioso e eles se encontraram sozinhos nas garras do Inferno, solitários no horror da escuridão, expostos e sem defesa na agonia da batalha. E se sua presença for sentida por trás do véu, todavia é como o sol de inverno por trás das nuvens e não salva da chuva e da neve e da tempestade calamitosa e do vento áspero e do frio cortante e da atmosfera de um cinzento doloroso e da monotonia parda e enfadonha. Sem dúvida o auxílio existe, mesmo quando parece ter se retirado, mas ainda há a aparência da noite total, sem um sol para chegar, e sem a estrela da esperança para dar prazer na escuridão.

Bela é a face da Divina Mãe, mas ela também pode ser dura e terrível. Mas é, então, a imortalidade um brinquedo para ser dado levemente a uma criança, ou a vida divina um prêmio sem esforço ou a coroa para um fraco? Esforça-te corretamente e conseguirás; confia e tua confiança acabará justificada; mas a Lei terrível do Caminho existe e ninguém pode derogá-la.

Toda Vida é Yoga

Na visão certa, tanto da vida como do Yoga, toda vida é consciente ou sub-conscientemente um Yoga. Com este termo queremos dizer um esforço metodizado em direção à auto-perfeição, através da expressão das potencialidades latentes no ser, e à uma união do humano individual com a Existência universal e transcendente, que vemos parcialmente expressa no homem e no Cosmos. Mas toda vida, quando olhamos por trás de suas aparências, é um vasto Yoga da Natureza, tentando realizar sua perfeição numa expressão sempre crescente de suas potencialidades, para unir-se com sua própria realidade divina. No homem, seu pensador, pela primeira vez sobre esta terra, ela planeja meios autoconscientes e sistemas voluntários de atividade, através dos quais este grande propósito pode ser obtido mais rápida e poderosamente. O Yoga, como Swami Vivekananda disse, pode ser considerado como um meio de comprimir a nossa evolução em uma vida única, ou em poucos anos, ou mesmo em poucos meses de existência corporal.

Um dado sistema de Yoga, então, não é nada mais do que uma seleção ou uma compressão de formas de intensidade mais estreitas, mas mais enérgicas, dos métodos gerais que já estão sendo usados dispersa e amplamente em um movimento vagaroso, com uma perda de material e energia mais profusa e aparente; mas com uma combinação mais completa pela grande Mãe, no seu vasto trabalho para cima.

É somente esta visão do Yoga que pode formar as bases de uma síntese racional e segura para os métodos de Yoga. Pois então o Yoga deixa de parecer algo místico e anormal, que não tem relação com os processos ordinários do Mundo-Energia ou com a finalidade que ele mantém em vista, nos seus dois grandes movimentos de auto-realização subjetiva e objetiva; revela-se, melhor, como um uso de poderes intensos e excepcionais que ele já manifestou ou está organizando progressivamente em suas operações menos exaltadas, porém mais gerais.

Os métodos de Yoga relacionam-se com os trabalhos psicológicos habituais do homem, assim como o manejo científico da força natural da eletricidade ou vapor relacionam-se com as operações normais do vapor e da eletricidade. E eles também são formados, baseados em um conhecimento desenvolvido e confirmado por experiência regular, análise prática e resultado constante...

O objetivo verdadeiro e completo e a utilidade do Yoga podem somente ser realizados quando o Yoga consciente no homem torna-se o Yoga subconsciente na Natureza, externamente limitado, mas com vida própria, e nós podemos uma vez mais, olhando, tanto para o caminho como para a realização, dizer num sentido mais perfeito e luminoso: "TODA VIDA É YOGA".

Certezas

Nas profundezas existe uma profundidade maior, nas alturas, uma altura maior. Mais rápido chegará o homem às fronteiras do espaço ilimitado, do que à plenitude de seu próprio ser. Porque esse ser é ilimitado, é Deus.

Aspiro pela força infinita, pelo conhecimento infinito, pela ventura infinita. Posso eu alcançá-los? Sim, mas a natureza do ilimitado é não ter fim. Não digas, portanto, que o posso atingir. Torno-me ele..

Só assim pode o homem alcançar Deus, tornando-se Deus..

Mas antes, é possível relacionar-se com Ele. Entrar em relação com Deus, é Yoga, o Supremo objeto e o interesse mais nobre. Dentro do âmbito da humanidade, há relações que desenvolvemos. São chamadas prece, culto, adoração, pensamento, fé, ciência, filosofia. Há outras relações além de nossa capacidade desenvolvida, mas dentro do âmbito da humanidade, que ainda temos que desenvolver. Essas são relações alcançadas pelas várias práticas do que Realmente chamamos Yoga.

Podemos não O conhecer como Deus, podemos O conhecer como Natureza, nosso Eu Superior, Infinito, algum Alvo inefável. Foi assim que Buda aproximou-se Dele; assim aproximou-se Dele o rígido Adwaitin, Ele é acessível mesmo ao Ateu. Para o materialista, Ele se disfarça em matéria. Para o nihilista, Ele aguarda, à espreita, no seio da Aniquilação..

Os Auxílios e o Objetivo

Esta é a completa definição do objetivo do Yoga Integral: traduzir em experiência pessoal da verdade o que a Natureza universal escondeu em si mesma e que ela trabalha para descobrir. É a conversão da alma humana em alma divina e da vida natural em vida divina.

O caminho mais seguro desta realização integral é encontrar o Mestre do segredo que mora dentro de nós, abrir-nos constantemente ao Poder divino, que é também a Sabedoria e Amor divinos, e confiar que Ele efetue a conversão. Porém é muito difícil para a consciência egoísta fazer isso no começo. E, se fizer, é ainda difícil fazê-lo perfeitamente e em cada elemento de nossa natureza. É difícil no começo por causa de nossos hábitos egoístas de pensamento, de sensação, de sentimento, que bloqueiam as avenidas pelas quais podemos chegar à percepção que é necessária. É difícil depois porque a fé, a entrega, a coragem que é necessária neste caminho não é fácil para a alma nublada pelo ego.

Porém, conquanto seja difícil para o homem acreditar em alguma coisa que não seja vista dentro de si, é fácil para ele acreditar em algo que ele pode considerar adicional para si mesmo. O progresso espiritual da maior parte dos seres exige um suporte suplementar, um objeto de fé fora de nós. Ele necessita uma imagem externa de Deus, ou precisa de um representante humano, - uma Encarnação, um Profeta ou Guru; ou exige ambos e os aceita. Porque, de acordo com a necessidade da alma humana, o Divino se manifesta como deidade, como divino-humano ou na humanidade simples - usando este disfarce grosseiro, que com tanto sucesso esconde a Divindade, para um meio de transmissão de sua direção.

A disciplina Hindu de espiritualidade provê esta necessidade da alma com a concepção do Ishta Devata, do Avatar e do Guru. Ishta Devata, a divindade escolhida, significa - não algum Poder inferior, mas um nome e forma da Divindade transcendente e universal. Quase todas as religiões têm em sua base ou fazem uso de algum desses nomes e formas do Divino. Sua necessidade para a alma humana é evidente. Deus é o Tudo e mais que o Tudo. Mas isso que é mais que o Tudo, como vai o homem concebê-lo? E mesmo o Todo é a princípio muito difícil para ele, porque ele próprio, em sua consciência ativa é uma formação limitada e seletiva, que pode se abrir apenas àquilo que está em harmonia com sua limitada natureza. Há coisas no Todo que são muito difíceis para sua compreensão ou parecem muito terríveis para suas emoções sensíveis e sensações covardes. Ou, simplesmente, ele não pode conceber o Divino, não pode se aproximar ou não pode reconhecer algo que esteja muito fora do círculo de suas concepções ignorantes e parciais. É necessário que ele conceba Deus à sua própria imagem ou em alguma forma que esteja além dele, porém consoante com suas tendências mais elevadas e captável por seus sentimentos ou sua inteligência...

Mesmo sua natureza clama por um intermediário humano para que possa sentir o Divino em alguma coisa completamente próxima à sua própria humanidade e que seja sensível a uma influência e exemplos humanos. Esse apelo é satisfeito pela manifestação Divina em uma aparência humana, a Encarnação, o Avatar - Krishna, Cristo, Buda. Ou se isso for muito difícil para ele conceber, o Divino se representa através de um menos maravilhoso intermediário - o Profeta ou Instrutor. Muitos não podem conceber ou não estão desejosos de aceitar o Homem Divino, mas estão prontos para abrir-se ao homem supremo, chamando-o não de encarnação, mas de instrutor do mundo ou representação divina.

Isto também não é bastante; uma influência viva, um exemplo vivo, uma instrução presente é necessária. Porque apenas alguns podem fazer do Instrutor passado e seus ensinamentos, da Encarnação passada e seu exemplo e influência, uma força viva em suas vidas. Essa necessidade também é provida pela disciplina Hindu na relação do Guru e o discípulo...

O Sadhaka do Yoga integral fará uso de todos esses auxílios de acordo com sua natureza, mas é necessário que ele evite suas limitações e lance fora esta tendência exclusiva da mente egoísta que grita: "Meu Deus, minha encarnação, meu Profeta, Meu Guru" e coloca oposição a todas outras realizações num espírito sectário e fanático. Todo sectarismo, todo fanatismo deve ser evitado porque é inconsistente com a integridade da realização divina...

Nem deveria ele esquecer o objetivo desses auxílios externos, que é despertar sua alma para o Divino dentro de si. Nada será finalmente realizado se isso não for alcançado. Não é suficiente adorar Krishna, Cristo ou Buda exteriormente, se não existir a revelação e a formação de Buda, de Cristo ou Krishna em nós mesmos. E qualquer outro auxílio também não tem nenhum propósito; cada um é uma ponte entre o estado não convertido do homem e a revelação do Divino dentro dele.

O Guru do Yoga Integral

O Mestre do Yoga Integral seguirá tanto quanto possível o método do Mestre dentro de nós. Ele guiará o discípulo através da natureza do discípulo. Ensino, exemplo, influência - estes são os três instrumentos do Guru. Mas o Mestre sábio não procurará se impor ou impingir suas opiniões à passiva aceitação da mente receptiva; ele lançará dentro apenas o que seja produtivo e seguro, como uma semente que germinará sob a proteção divina de dentro. Ele procurará muito mais despertar do que instruir; visará o crescimento das faculdades, como um plano utilizável, não como uma fórmula ou uma rotina fixa. E ele tomará cuidado para evitar qualquer mudança dos meios em limitação na mecanização do processo. Todo seu mister é despertar a divina luz e colocar em atividade a força divina, da qual ele próprio é apenas um meio e um auxílio, uma parte ou um canal.

O exemplo é mais poderoso que a instrução; mas não é o exemplo dos atos exteriores ou do caráter pessoal que é de maior importância. Estes têm seu lugar e utilidade; mas o que estimulará a aspiração em outros é o fato central da realização divina dentro dele, que governa sua vida toda, e seu estado interior e todas suas atividades. Este é o elemento universal e essencial; o resto pertence à pessoa e à peculiaridade individual. É esta realização que o Sadhaka deve sentir e reproduzir em si de acordo com sua própria natureza; ele não precisa se esforçar por uma imitação exterior que pode muito bem ser mais esterilizante do que produtora de frutos concretos e naturais.

A influência é mais importante do que o exemplo. Influência não é a autoridade exterior do Mestre sobre o discípulo, mas o poder de seu contato, da sua presença, da proximidade de sua alma com a alma do outro, infundindo nela, mesmo em silêncio, aquilo que ele próprio é e possui. Este é o supremo sinal do Mestre. Porque o grande Mestre é muito menos um Instrutor do que uma Presença que extravasa a consciência divina e sua luz e poder e pureza e ventura representativas sobre todos os que sejam receptivos à sua volta.

É será também um sinal do Mestre do Yoga Integral se ele não se arrogar o título de Guru, num espírito exaltado de vaidade humana. Seu trabalho, se o tiver, é uma confiança do alto, sendo ele próprio um canal, um receptáculo ou um representante. Ele é um homem ajudando seus irmãos, uma criança guiando crianças, uma luz acendendo outras luzes, uma alma desperta despertando outras almas, no máximo um Poder ou uma Presença do Divino chamando para si outros poderes do Divino.

Os Símbolos Exteriores

Em qualquer culto, símbolo, o ritual significativo, ou a forma expressiva, não é apenas um elemento estético que comove e enriquece, mas um meio físico pelo qual o ser humano começa a tornar definida exteriormente a emoção e a aspiração de seu coração, a confirmá-la e dinamizá-la. Porque, se a adoração sem uma aspiração espiritual é inexpressiva e vã, a aspiração também sem o ato e a forma é um poder sem corpo e imperfeitamente efetivo para a vida. Infelizmente, é o destino de todas as formas de vida humana tornarem-se cristalizadas, puramente formais e portanto estéreis, e embora a forma e o culto preservem sempre seu poder para o homem que pode ainda entrar em seu significado, a maioria chega a usar a cerimônia como um ritual mecânico e o símbolo como um sinal sem vida e, porque isso mata a alma da religião, o culto e a forma têm que ser mudados ou postos de lado completamente. Há até aqueles para quem todo o culto e forma são, por essa razão, suspeitos e ofensivos; mas poucos podem dispensar o suporte de símbolos exteriores, e mesmo um certo elemento divino na natureza humana pede sempre por eles para completar sua satisfação espiritual. O símbolo é sempre legítimo enquanto for verdadeiro, belo e encantador, e mesmo pode-se dizer que uma consciência espiritual sem nenhum conteúdo estético ou emocional não é totalmente ou de alguma forma integralmente espiritual. Na vida espiritual, sendo a base do ato uma consciência espiritual perene e renovadora, acionada para expressar-se constantemente em novas formas ou capaz de renovar a verdade de uma forma, sempre pelo fluxo do espírito, e tornar cada ação um símbolo vivo de alguma verdade da alma, esta é a verdadeira natureza de sua visão e impulso criativos. É assim que aquele que busca deve lidar com a vida e transmutar sua forma e a glorificar sua essência.

Forma

Oh adorador do Infinito sem forma,
Não rejeites a forma, é Ele quem vive nela.
Cada finito é essa Infinitude
Sua velada alma depuro deleite entesourada.
A Forma, em seu coração ale recôndito silêncio
Esconde o significado de Seu mistério,
A Forma é a morada assombrosa da eternidade,
Uma caverna do imortal Eremita

Há uma beleza nas profundezas ale Deus,
Há um milagre do Maravilhoso
Que constrói o universo para sua habitação.
O Uno, em Sua glória inumerável
Explodindo em forma e cor como uma rosa,
Compele as grandes pétalas do mundo a se abrirem.

Por que a Oração?

A vida do homem é uma vida de carências e necessidades, e portanto de desejos, não apenas em seu físico e vital, mas em seu ser mental e espiritual. Quando ele se torna consciente de um grande Poder que governa o mundo, aproxima-se dele através da oração, para a satisfação de suas necessidades, para auxílio em sua áspera jornada, para proteção e ajuda em sua luta. Sejam quais forem as imperfeições que possam existir na aproximação comum religiosa de Deus pela prece, e há muitas, especialmente essa atitude que imagina que o Divino seja capaz de ser propiciado, subornado, lisonjeado para a aquisição ou indulgência pelo louvor, súplica e dádivas e pouco considera o espírito com o qual se aproxima dele, contudo este modo de voltar-se para o Divino é um movimento essencial de nosso ser religioso e repousa numa verdade universal.

Duvida-se freqüentemente da eficácia da oração e a própria oração supõe-se uma coisa irracional, necessariamente supérflua e ineficaz. É verdade que a vontade universal executará sempre seus objetivos e não pode ser desviada por propiciação e súplica egoísticas, é verdade do Transcendente que se expressa a si mesmo na ordem universal que, sendo onisciente, seu conhecimento mais amplo deve prever a coisa a ser feita e não necessita de direção ou estímulo do pensamento humano e que os desejos individuais não são e nem podem ser, em nenhuma ordem do mundo, o verdadeiro fator determinante. Porém, nem é essa ordem ou a execução da vontade universal em conjunto efetuada pela Lei mecânica, mas por poderes e forças dos quais, pelo menos para a vida humana, não estão entre os menos importantes, a vontade humana, a aspiração e a fé. A prece é apenas uma forma determinada dada a essa vontade, a essa aspiração e fé. Suas formas são muitas vezes cruas e não somente infantis, o que não é um defeito em si mesmo, mas criança; contudo ela tem um poder e significado reais. Seu poder e sentido são colocar a vontade, a aspiração e a fé do homem em contato com a Vontade divina, como a de um Ser consciente com quem podemos entrar em relações conscientes e vivas.

A oração ajuda a preparar esta relação para nos, primeiro no plano interior, mesmo quando ainda exista lá compatibilidade com o que é mero egoísmo e ilusão de si; mas depois podemos avançar em direção à vontade espiritual que está por trás. Não é portanto a concessão da coisa pedida que importa, mas a relação em si, o contato da vida do homem com Deus, a permuta consciente. Em assuntos espirituais e na procura de aquisições espirituais, esta relação consciente é um grande poder; é um poder

muito maior que nossa própria luta e esforço inteiramente autoconfiantes e proporciona um crescimento e experiência espirituais mais plenos. Inevitavelmente, no fim, a oração ou extingue-se na coisa maior para a qual nos preparou, - de fato, a forma a que chamamos de oração não é em si mesma essencial, contanto que a fé, a vontade e a aspiração estejam lá, - ou permanece apenas para a alegria do relacionamento. Também seus objetivos, o artha ou interesse que procura realizar, torna-se cada vez mais alto até que alcançamos a devoção, sem motivo, mais elevada, que é essa do amor divino puro e simples, sem qualquer exigência ou anseio.

O Mestre do Mundo

Como o supremo Shastra do Yoga integral é o eterno Veda secreto no coração de cada homem, assim seu supremo Guia e Mestre é o Guia interno, o Mestre do Mundo, o jagad-guru secreto dentro de nós. É ele quem destrói nossa escuridão pela luz resplendente de seu conhecimento; essa luz torna-se em nós a glória crescente de sua própria natureza de liberdade, ventura, amor, poder de ser imortal. Ele coloca acima de nós seu divino exemplo como nosso ideal e transforma a existência inferior em um reflexo daquilo que contempla. Pelo influxo de sua própria influência e presença em nós, ele possibilita ao ser individual alcançar a identidade com o universal e transcendente.

Qual é seu método e sistema? Ele não tem método e tem todos os sistemas. Consiste numa organização natural dos processos e movimentos mais elevados de que a natureza é capaz. Aplicando-os mesmo aos mais mesquinhos detalhes e às ações mais insignificantes em sua aparência, com todo o cuidado e inteireza como faz com os grandes, eles no fim erguem tudo em direção à Luz e transformam tudo. Porque neste Yoga não há nada muito pequeno para ser usado, nem nada muito grande que não possa ser tentado. Como o servo e discípulo do Mestre não considera o orgulho ou egoísmo porque tudo é feito por Ele, de cima, assim também não tem o direito de desanimar por causa de suas deficiências pessoais ou pelos tropeços de sua natureza. Porque a Força que trabalha nele é impessoal ou superpessoal - é infinita.

O completo reconhecimento deste Guia interior, Mestre do Yoga, senhor, luz, desfrutador e alvo de todo sacrifício e esforço, é da mais alta importância no caminho da perfeição integral. É imaterial se ele é primeiro visto como Sabedoria, Amor e Poder impessoais por trás de todas as coisas, ou como o Absoluto manifestando-se no relativo e atraindo-o, como o próprio Eu supremo e o mais elevado Eu de todas as coisas, como uma Pessoa Divina dentro de nós e no mundo, em um de seus nomes ou suas numerosas formas ou como o ideal que a mente pode conceber. No fim, percebemos que ele é tudo isso e mais todas estas coisas juntas. A porta de entrada da mente para concebê-Lo deve, necessariamente, variar de acordo com a evolução passada e a presente natureza.

Este Guia interno é freqüentemente velado a princípio, pela própria intensidade de nosso esforço pessoal e pela preocupação do ego consigo mesmo e seus objetivos. Conforme progredimos em clareza e o turbilhão dos esforços egoísticos cedem lugar a um auto-conhecimento mais calmo, reconhecemos a fonte da crescente luz dentro de nós. Reconhecemo-la retrospectivamente quando compreendemos que todos os nossos movimentos obscuros e conflitantes conduziram resolutamente a um fim que apenas agora começamos a perceber, do mesmo modo que antes de nossa entrada para o caminho do Yoga a evolução de nossa vida levou, intencionalmente, em direção a seu ponto crítico. Porque agora começamos a compreender o sentido de nossas lutas e esforços, sucessos e fracassos. Por fim, somos capazes de apreender o significado do sentido de nossas provações e sofrimentos e podemos apreciar o auxílio que nos foi dado por tudo que feriu e resistiu e a utilidade de nossas próprias quedas e tropeços. Reconhecemos esta direção divina depois, não retrospectivamente, mas imediatamente, na moldagem de nossos pensamentos por um Vidente transcendente, de nossa vontade e ações por um Poder todo-envolvente, de nossa vida emocional por uma Ventura e Amor que tudo atrai e tudo assimila. Reconhecêmo-la também numa relação mais pessoal, que a princípio tocou-nos, ou no fim, captou-nos; sentimos a eterna presença de um Senhor supremo, um Amigo, Amante, Mestre. Reconhecêmo-la na essência de nosso ser enquanto se desenvolve na semelhança e unidade de uma existência maior e mais vasta, porque percebemos que este desenvolvimento milagroso não é o resultado de nossos próprios esforços. Uma eterna Perfeição está nos moldando à sua própria imagem. Aquele que é o Senhor, ou Ishwara da filosofia Yóguica, o Guia no seu consciente (cartya guru ou antaryamim), o Absoluto do Pensador, o Desconhecido do Agnóstico, a Força universal do materialista, a Alma suprema e a suprema Shakti, Aquele que é chamado e imaginado por diferentes nomes pelas religiões, o Mestre do nosso Yoga.

Ver, conhecer, tornar-se e realizar este Uno em nosso ser interior e em toda nossa natureza exterior, sempre foi o objetivo secreto e torna-se o propósito consciente de nossa existência corpórea. Ser consciente Dele em todas as partes de nosso ser e igualmente em tudo que nossa mente divisória percebe como exterior ao nosso ser, é a culminância da consciência individual. Ser possuído por Ele e possuí-Lo em nós e em todas as coisas é o termo de todo poder supremo e domínio. Desfrutá-Lo em toda experiência de passividade e atividade, de paz e de poder, de unidade e de diferença, é a felicidade que o Jiva, a alma individual manifestada no mundo, está obscuramente procurando. Esta é a definição completa do objetivo do Yoga integral; é a interpretação em experiência pessoal da verdade que a Natureza universal escondeu em si mesma e que ela labora para descobrir. É a conversão da alma humana em alma divina e de vida natural em vida divina.

O Shastra do Yoga Integral

O supremo Shastra do Yoga Integral é o segredo eterno do Veda no coração de cada ser vivo e pensante. O lótus do conhecimento eterno e da eterna perfeição é um botão fechado e envolto dentro de nós. Ele se abre rapidamente, pétala por pétala, através de realizações sucessivas, quando a mente do homem começa a se virar para o Eterno, quando seu coração não mais comprimido e confinado pelo apego às aparências finitas, se torna enamorado, em qualquer grau, do Infinito. Toda vida, todo pensamento, toda energização de faculdades, todas as experiências passivas ou ativas tornam-se, daí em diante, choques que desintegram os revestimentos da alma e removem os obstáculos que impedem a eflorescência inevitável. Aquele que escolheu o Infinito, foi escolhido pelo Infinito. Ele recebeu o toque divino sem o qual não há nenhum despertar, nem abertura do espírito; mas uma vez recebido, a realização é certa, quer seja conquistada rapidamente no decurso de uma única vida humana ou perseguida pacientemente através de muitas estadias do ciclo de existência no universo manifestado.

Nada pode ser ensinado à mente que já não esteja encoberto como conhecimento potencial na alma em desdobramento da criatura. Assim também, toda perfeição da qual o homem exterior é capaz, é apenas uma realização da eterna perfeição do Espírito dentro dele. Conhecemos o Divino e tornamo-nos o Divino, porque já somos Isso em nossa natureza secreta. Todo ensinamento é uma revelação, todo tornar-se é um desabrochar; auto-realização é o segredo, auto-conhecimento e uma crescente consciência são os meios e o processo.

O meio usual desta revelação é a Palavra, a coisa ouvida (sruta). A Palavra pode chegar a nós vinda de dentro; pode chegar a nós de fora. Mas, em qualquer caso, é apenas um agente que coloca o conhecimento escondido em ação. A palavra dentro pode ser a expressão vocal da alma em nós, que está sempre aberta ao Divino, ou pode ser a palavra do Mestre secreto e universal que se encontra nos corações de todos. Existem raros casos quando nada mais é necessário, porque todo o resto do Yoga é um desdobramento sob aquele constante toque e direção; o lótus do conhecimento abre-se de dentro pelo poder da irradiante efulgência que procede do habitante no lótus do coração. Grandes de fato, mas poucos, são aqueles para quem o auto-conhecimento de dentro é suficiente e que não necessitam passar pela influência dominante de um livro escrito ou de um mestre vivo.

Comumente, a Palavra de fora que representa o Divino é necessária como um auxílio no trabalho de auto-desenvolvimento; e pode ser uma palavra do passado ou a palavra mais poderosa do Guru vivo. Em alguns casos, esta palavra representativa é apenas usada como uma espécie de escusa do poder interior para acordar e manifestar; é, por assim dizer, uma concessão do onipotente e onisciente Divino à generalidade de uma lei que governa a Natureza. Assim é dito no Upanishad que Krishna, filho de Devaki, recebeu uma palavra do Rishi Ghora e obteve o conhecimento, Assim, Ramakrishna, tendo conseguido por seu próprio esforço interno e iluminação central, aceitou vários mestres nos diferentes caminhos do Yoga, mas sempre mostrou no modo e rapidez de sua realização que esta aceitação era uma concessão à regra geral, pela qual o conhecimento efetivo deve ser recebido do Guru pelo discípulo.

Mas, geralmente, a influência representativa ocupa um lugar muito mais vasto na vida do Sadhaka. Se o Yoga for guiado por um Shastra escrito que tenha sido recebido - alguma Palavra do passado que incorpore a experiência dos Yogues antigos ela pode ser praticada pelo esforço pessoal apenas, ou com a ajuda de um Guru. O conhecimento espiritual é então adquirido através da meditação sobre as verdades espirituais que são ensinadas e que se tornam vivas e conscientes por sua realização na experiência pessoal. O Yoga procede dos resultados de métodos prescritos ensinados nas Escrituras ou na tradição e é reforçado e iluminado pelas instruções do Mestre. Esta é uma prática mais restrita, porém segura e efetiva dentro de seus limites, porque segue uma trilha bem conhecida em direção a um longo objetivo familiar.

Para o Sadhaka do Yoga Integral é necessário lembrar que nenhum Shastra escrito, mesmo que sua autoridade seja grande ou amplo seu espírito, não pode ser mais do que uma expressão parcial do eterno Conhecimento. Ele usá-lo-á, mas nunca se prenderá a ele, mesmo à maior das Escrituras.

Se a Escritura for profunda, vasta e universal, poderá exercer sobre ele uma influência para o bem mais elevado e será de incalculável importância. Pode ser associada às suas experiências do despertar de verdades culminantes e à sua realização de experiências elevadas. Seu Yoga pode ser governado por um longo tempo por uma escritura ou por várias sucessivamente – se estiver na linha da grande tradição Hindu, pelo Gita, por exemplo, os Upanishads, o Veda. Ou uma boa parte do seu desenvolvimento poderá incluir no seu material uma experiência variada e rica das verdades das muitas Escrituras, para tornar o futuro opulento de tudo que existiu de melhor no passado. Mas, no fim, ele deve tomar sua posição, ou melhor ainda, se puder, sempre e desde o princípio, ele deve viver em sua própria alma, além da Verdade escrita -sadbabrahmativatate - além de tudo que tenha ouvido e de tudo que ainda venha a ouvir - srotavyasya srutasyaca. Porque ele não é o Sadhaka de um livro ou de muitos livros; ele é um Sadhaka do Infinito.

O Senhor dos Trabalhos

O Senhor e Impulsionador de nossos trabalhos é o Uno, o Universal e Supremo, o Eterno e o Infinito. Ele é o transcendente ignoto, ou o Absoluto incognoscível, o Inefável inexpresso e imanifesto acima de nós; mas ele é também o Eu de todos os seres, o Senhor de todos os mundos, o que transcende todos os mundos, a Luz e o Guia, o Todo-Maravilhoso e o Todo Bem-Aventuraça, o Amado e o Amante. Ele é o Espírito Cósmico e toda esta Energia criativa à nossa volta; ele é o Imanente dentro de nós. Tudo que é, é ele, e ele é mais que tudo isso, e nós mesmos, embora não saibamos, somos ser de seu ser, força de sua força, conscientes com uma consciência derivada da sua; mesmo a nossa substância mortal é feita de sua substância e há um imortal dentro de nós que é uma faísca da Luz e Ventura que existe para sempre. Não importa se por conhecimento, trabalho, amor ou qualquer outro meio, o objetivo de todo Yoga é tornar se consciente dessa verdade de nosso ser, realizá-la, fazê-la efetiva aqui ou em qualquer lugar.

Mas a passagem é longa e o labor árduo antes que o possamos olhar com olhos que vêem de verdade, e mais longo e árduo deve ser nosso esforço se quisermos reconstruir-nos à sua verdadeira imagem. O Senhor dos trabalhos não se revela de repente àquele que busca. É sempre seu Poder que age por trás do véu, porém ele é manifesto apenas quando nós renunciemos ao egoísmo do trabalhador, e seu movimento direto aumenta na proporção em que a renúncia se torna cada vez mais concreta. Apenas quando nossa entrega à sua Shakti divina é absoluta, teremos nós o direito de viver em sua presença absoluta. E só então podemos ver nosso trabalho projetar-se naturalmente, completa e simplesmente nos moldes da Vontade Divina.

Devem existir, portanto, estágios e gradações em nossa aproximação dessa perfeição, assim como há progresso em direção a toda outra perfeição, em qualquer plano da Natureza. A visão da glória plena pode chegar-nos antes, subitamente ou devagar, de vez ou freqüentemente, mas até que a base esteja completa, é um resumo ou condensação, não uma experiência durável e toda abrangente, não uma presença duradoura. As amplitudes, os conteúdos da Revelação Divina vêm depois e desenrolam, gradualmente, seu poder e seu significado. Ou, mesmo, a visão firme pode estar nas culminâncias de nossa natureza, mas a resposta perfeita de nossos membros interiores vem apenas por etapas. Em todos os Yogas, os primeiros requisitos são fé e paciência. Os ardores do coração e a violência da vontade ansiosa que procuram tomar o reino dos céus pela tempestade podem ter reações miseráveis, se eles desdenharem apoiar sua veemência nestes auxiliares mais humildes e mais tranquilos. E no longo e difícil Yoga Integral deve haver uma fé integral e uma paciência inabalável.

É difícil adquirir ou praticar esta fé e firmeza no caminho áspero e estreito do Yoga por causa da impaciência do coração e da mente, e a fé ansiosa, porém vacilante, de nossa natureza rajásica. A natureza vital do homem sempre tem fome dos frutos de seu labor e, se os frutos lhe parecem negados ou demoram a vir, ele perde a fé no ideal e na orientação. Porque sua mente julga sempre pela aparência das coisas, já que este é o primeiro hábito inerente à razão intelectual, na qual ele tão excessivamente confia. Nada mais fácil para nós do que acusar Deus, em nossos corações, quando sofremos longamente ou tropeçamos na escuridão, ou abjurar do ideal que colocamos diante de nós. Pois dizemos: "Confiei no Altíssimo e fui abandonada no sofrimento e pecado e erro". Ou então, "Empenhei toda minha vida numa idéia que é contrariada e desencorajada pelos fatos inflexíveis da experiência. Teria sido melhor ser como outros homens, que aceitam suas limitações e andam no chão firme da experiência normal". Em tais momentos - e eles são, às vezes, freqüentes e longos - toda experiência mais elevada é esquecida e o coração concentra-se em sua própria amargura. São nessas passagens sombrias que é possível cair para sempre ou se voltar contra o trabalho divino.

Se alguém já tiver andado por muito tempo e de modo firme no caminho, a fé do coração permanecerá sob a pressão mais feroz e adversa; mesmo que esteja escondida ou aparentemente destruída, ela aproveitará a primeira oportunidade para reaparecer. Porque alguma coisa mais elevada que o coração ou mesmo o intelecto a sustenta, a despeito dos piores tropeços e através do mais prolongado malogro. Mas, mesmo para o Sadhaka experimentado, essas vacilações ou obscurecimentos provocam um retardamento em seu progresso e eles são extremamente perigosos para o noviço. É, portanto, necessário, desde o princípio, compreender e aceitar as dificuldades árdas do caminho e sentir a necessidade de uma fé que, para o intelecto pode parecer cega, contudo, é mais sábia do que nossa inteligência racional. Porque esta fé é um suporte de cima; é a brilhante sombra projetada por uma luz secreta que excede o intelecto e suas premissas; é o coração de um conhecimento escondido que não está à mercê das aparências imediatas. Nossa fé, quando perseverante, será justificada em seus trabalhos e elevada e transfigurada finalmente na auto-revelação de um conhecimento divino. Devemos sempre aderir à injunção do Gita - "O Yoga deve ser, continuamente, colocado em prática com um coração livre da depressão acabrunhadora". Sempre devemos repetir ao intelecto vacilante a promessa do Senhor: "Livrar-te-ei certamente de todo pecado e mal; não te lamentes". No fim, as hesitações da fé cessarão, porque veremos Sua face e sentiremos sempre a Presença Divina.

A Vontade Suprema

À luz dessa progressiva manifestação do Espírito, a princípio aparentemente engolfada na Ignorância, depois livre no poder e sabedoria do Infinito, podemos melhor compreender a grande e culminante injunção do Gita ao Karmayogi: "Abandona todos os Dharmas, todos os princípios e leis e regras de conduta, refugia-te em Mim somente". Todos os padrões e regras são construções temporárias, fundadas nas necessidades do ego em sua transição da Matéria para o Espírito. Estes expedientes têm uma relativa imposição enquanto ficamos satisfeitos nos estágios de transição, contentes com a vida física e vital, apegados ao movimento mental, ou mesmo fixos nas esferas do plano mental tocadas pelo brilho espiritual. Porém, além está a vastidão sem barreiras da consciência supramental infinita, onde cessam todas as estruturas temporais. Não é possível entrar inteiramente na verdade espiritual do Eterno e do Infinito se não tivermos a fé e a coragem de nos confiarmos nas mãos do Senhor de todas as coisas e Amigo de todas as criaturas, e deixarmos para trás, completamente, nossos limites e medidas mentais. Em um dado momento, devemos mergulhar, sem hesitação, reserva ou medo ou escrúpulo dentro do oceano do livre, do infinito, do Absoluto. Depois da Lei, a Liberdade, depois dos padrões do pessoal, do geral, do universal, existe ainda algo maior, a plasticidade impessoal, a liberdade divina, a força transcendente e o impulso superno. Depois do caminho estreito da ascensão, o vasto planalto do ápice.

Há três estágios da ascensão - no fundo, a vida corpórea escravizada à pressão da necessidade e do desejo; no meio, a regra do mental, do emocional mais elevado e do psíquico, que procura maiores interesses, aspirações, experiências e idéias, e no cume, primeiro um psíquico e um estado espiritual mais profundos e depois a consciência supramental eterna, na qual toda nossa aspiração e buscas descobrem seu próprio significado íntimo. Na vida corpórea, primeiro o desejo e a necessidade, depois o bem realizável do indivíduo e da sociedade são o motivo imperante, a força dominante. Na vida mental, são as idéias e as regras ideais, idéias que são meia-luzes usando a vestimenta da Verdade, idéias formadas pela mente como um resultado de uma crescente intuição e experiência, embora ainda imperfeitas. Sempre que a vida mental prevalece e a corpórea diminui sua brutal insistência, o homem, o ser mental, sente-se empurrado pela pressão da Natureza mental para moldar a vida do indivíduo no sentido da idéia ou do ideal, e no fim, mesmo a vida mais complexa e mais vaga da sociedade é forçada a se submeter a este sutil processo. Na vida espiritual, ou quando um poder mais alto que a Mente tiver se manifestado e possuído a natureza, estas forças-motivo limitadas retrocedem, definham, tendem a desaparecer. O Eu espiritual ou supramental, o Ser Divino, a Realidade suprema e imanente, deve ser unicamente o Senhor dentro de nós e deve moldar livremente nosso desenvolvimento final, de acordo com a mais elevada, a mais vasta, a mais integral expressão possível da lei de nossa natureza. No fim, essa natureza age na Verdade perfeita e na liberdade espontânea, porque ela obedece apenas ao poder luminoso do Eterno. O indivíduo não tem nada mais a ganhar, nenhum desejo para realizar; ele tornou-se uma porção da impersonalidade ou personalidade universal do Eterno. Nenhum outro objetivo que a manifestação e jogo do Espírito na vida e a manutenção e conduta do mundo em sua marcha para o objetivo final divino pode obrigá-lo à ação. Idéias, opiniões e construções mentais não são mais suas, porque sua mente entrou em silêncio, ela é apenas um canal para a Luz e a Verdade do conhecimento divino. Ideais são muito estreitos para a vastidão de seu espírito; é o oceano do Infinito que flui através dele e o move para sempre.

O Homem, Um Ser Transicional

O homem é um ser transicional, não é final. Porque no homem e acima, além dele, elevam-se degraus radiantes que conduzem à divina superhumanidade. Lá se encontra nosso destino e a chave liberadora de nossa existência mundana aspirante, mas perturbada e limitada.

Por homem queremos dizer a mente aprisionada em um corpo vivo. Mas a mente não é o mais alto poder possível de consciência, pois a mente não está na posse da Verdade, mas é apenas sua investigadora ignorante. Além da mente, encontra-se um poder supramental e gnóstico de consciência que está na posse eterna da Verdade. Esta supermente é, ao mesmo tempo e natureza, em sua fonte, a consciência e sabedoria dinâmicas e a vontade infinita do Conhecedor e Criador divinos. A supermente é o superhomem; uma humanidade gnóstica é o próximo passo evolucionário distinto e triunfante a ser alcançado pela natureza terrena.

O passo entre o homem e o superhomem é a próxima aquisição na evolução da terra. É inevitável porque é, ao mesmo tempo, a intenção do Espírito interior e a lógica do processo da Natureza.

O aparecimento de uma possibilidade humana no mundo material e animal foi o primeiro raio de luz de alguma Luz divina próxima, a primeira promessa longínqua de uma divindade a nascer da Matéria. O aparecimento de um superhomem no mundo humano será a realização desta divina promessa. Da consciência material na qual nossa mente trabalha como um escravo acorrentado, está emergindo o disco de um sol secreto de Poder e Alegria e Conhecimento. A supermente será o corpo formado desta radiante efulgência.

A superhumanidade não é o homem que escalou até seu próprio zênite natural, não é um degrau superior da grandeza humana de conhecimento, de poder, de inteligência, de vontade, de caráter, de gênio, de força dinâmica, de santidade, de amor, de pureza ou perfeição. A Superhumanidade é algo que está além do homem mental e seus limites; é uma consciência maior que a consciência mais elevada, própria da natureza humana.

O homem é um ser mental cuja mentalidade trabalha aqui envolvida, obscura e degradada em um cérebro físico. Mesmo no mais elevado de sua espécie, por essa dependência está frustrada de sua possibilidade de força e liberdade supremas, separada mesmo de seus próprios poderes divinos, impotente para mudar nossa vida, além de certos limites estreitos e precários; é uma força aprisionada e cerceada mais freqüentemente, apenas um servidor ou fornecedor de interesses ou um abastecedor de divertimentos para a vida e o corpo. Mas o divino superhomem será um espírito gnóstico. A supermente nele se encarregará dos instrumentos mentais e físicos, permanecendo acima e, contudo, penetrando nossas partes inferiores já manifestadas, transformará a mente, vida e corpo.

A mente é a força mais elevada no homem. Mas a mente no homem é um poder ignorante, nublado e que se debate. E mesmo quando mais luminoso, é possuído apenas por uma luz pálida e refletida e fraca. Uma supermente livre, senhora de si, que expresse as glórias divinas, será o instrumento central do superhomem. Seus movimentos desembaraçados de conhecimento autoexistentes, de poder espontâneo e deleite não misturado, imprimirão a harmonia da vida dos deuses na existência terrena.

O homem em si é pouco mais que algo ambicioso. Ele é uma insignificância que alcança uma vastidão e uma grandeza que está além dele, um anão enamorado das alturas. Sua mente é um raio escuro nos esplendores da Mente universal. Sua vida é uma agitada paixão ansiosa, abatida pela tristeza, esforçando-se, exultando, sofrendo, ou um movimento mesquinho da Vida universal, estúpido e irracionalmente inquieto. Seu corpo é uma poeira elaborada e perecível na matéria universal. Este não pode ser o fim da misteriosa onda ascendente da Natureza. Existe algo além, algo que a humanidade será e que é visto agora apenas em vislumbres partidos, através de fissuras, na grande parede de limitações que nega sua possibilidade e existência. Uma alma imortal está em algum lugar dentro dele e emite algumas centelhas de sua presença; acima, um espírito eterno protege-o e sustenta a continuidade da alma de sua natureza: Mas este espírito maior está impedido de descer pela cobertura dura de sua personalidade construída; e esta alma luminosa interna está envolvida, sufocada, oprimida em densas camadas. De todos, só em alguns a alma está ativa, na maioria, dificilmente perceptiva. A alma e o espírito no homem parecem mais existir acima e por trás de sua natureza, do que ser uma parte de sua realidade externa e visível. Eles estão mais para nascer, do que nascidos da Matéria; melhor, são mais possibilidades para a consciência humana, do que coisas realizadas e presentes.

A grandeza do homem não está no que ele é, mas no que ele torna possível. Sua glória é a de ser um lugar fechado e a oficina secreta de um labor vivo, nos quais a superhumanidade está sendo preparada por um divino Artesão. Mas ele é também convidado a participar de uma grandeza ainda maior e é isso que, levando em conta ser diferente de uma criação inferior, ele é, em parte, um artesão desta divina mudança; seu consentimento consciente, sua vontade e participação consagradas são necessárias para que em seu corpo possa descer a glória que o substituirá. Sua aspiração é o chamado da terra ao criador supramental.

Se a terra chama e o Supremo responde, a hora para essa imensa e gloriosa transformação pode ser agora mesmo.

Mas qual a vantagem a ser ganha, pela consciência da Terra que incorporamos, por esta ascensão sem precedente da mente para supermente, e qual a redenção da mudança supramental? Para que fim deixaria o homem seus limites humanos seguros por esta aventura arriscada?

Primeiro, considere qual foi o proveito quando a Natureza passou da bruta inconsciência e inércia, do que parecia a Matéria inanimada, para o vibrante despertar de sensibilidade da ordem da planta. A Vida foi ganha; o ganho foi o princípio de um óbulo tateante e envolvido, alcançando uma consciência que se esforça silenciosamente para crescer em direção ao sentido de vibração, para uma preparação de anseios, uma alegria e beleza vivas. A planta alcançou a primeira forma de vida, mas não a pode possuir porque esta primeira consciência-vida organizada tinha sentimento e busca, mas era cega, muda, surda, acorrentada ao solo e, envolvida em seu próprio nervo e tecido, não podia escapar deles, não podia ficar por trás de seu eunervo, como faz a mente do animal; menos ainda podia se curvar de cima sobre si mesma, para conhecer e realizar e controlar suas próprias moções, como faz a mente pensante e observadora no homem.

Esta foi uma aquisição aprisionada, porque havia ainda uma grossa opressão da primeira Inconsciência que tinha encoberto, com o bruto fenômeno da Matéria e de Energia da Matéria, todos os sinais do Espírito. A Natureza não podia, de modo algum, parar aí, porque ela continha muito em si que ainda estava oculto, em potencial, inexpresso, desorganizado, latente; a evolução tinha forçosamente que avançar. O animal devia substituir a planta no cume e no topo da Natureza.

E o que foi então adquirido quando a Natureza passou da obscuridade do reino vegetal para o sentido desperto, o desejo e a emoção e a mobilidade da vida animal? O proveito foi o sentido liberado e a sensação e o desejo e a coragem e a esperteza e o dispositivo dos objetos de desejo, a paixão, a ação, a tome, a batalha, a conquista, o apelo sexual, o drama, o prazer e toda a alegria e dor da criatura viva consciente. Não apenas a vida do corpo que o animal tem em comum com a planta, mas a mente-vida que apareceu pela primeira vez na história da terra e cresceu de forma para formas mais organizadas até alcançar, no seu melhor, o limite de sua própria fórmula.

O animal alcançou uma primeira forma da mente, mas não a pôde possuir porque esta primeira consciência-mente organizada estava escravizada a um escopo, amarrada ao completo funcionamento do corpo e cérebro e nervos físicos, atada para servir à vida física e seus desejos e necessidades e paixões, limitada aos usos insistentes do ímpeto vital, à ânsia e sentimento e ação materiais, atada à sua instrumentação própria inferior, suas combinações espontâneas de associação e memória e instinto. Ela não podia se livrar delas, não podia se voltar de cima como faz a razão humana e a vontade para controlar, ampliar, reordenar, exceder, sublimar.

A cada passo importante da ascensão da Natureza, há uma reversão de consciência no espírito evolvente. Como quando um alpinista chega ao cume que almejava alcançar, e olha para baixo com um poder de visão exaltado e mais vasto para tudo que estava uma vez acima ou no mesmo nível que ele, mas agora está abaixo de seus pés, o ser evolucionário não apenas transcende seu eu passado, seu status anterior ultrapassado, mas comanda de um grau mais elevado de auto-experiência e visão, agora com um sentimento perceptivo ou uma nova visão compreensiva e realizadora num sistema de valores maior, tudo que havia sido sua própria consciência, mas que está agora abaixo dele e pertence à uma criação inferior. Este reversão é o sinal de uma vitória decisiva e o selo de um progresso radical na Natureza.

A nova consciência alcançada na evolução do espírito é sempre mais elevada em grau e poder, sempre mais ampla, mais rica e refinada em faculdades, mais complexa, mais orgânica e dominadora que a consciência que era uma vez a nossa própria e que foi deixada para trás. Há maior amplitude e espaço, alturas antes intransponíveis, profundidades e intimidades inesperadas. Há uma expansão luminosa que é o verdadeiro sinal manual do Supremo sobre o seu trabalho.

Observe que cada grande passo radical para frente já tomado pela Natureza foi infinitamente maior em suas alterações, incalculavelmente mais amplo em suas conseqüências do que seu insignificante predecessor. Existe uma abertura miraculosa para uma expansão sempre mais rica e mais vasta, há uma nova iluminação da criação e um enaltecimento dinâmico de seus significados. Não existe, neste mundo em que vivemos, nenhuma igualdade no plano horizontal, mas uma hierarquia de superioridades apressadas sempre crescentes, empurrando seus ombros gigantescos para cima em direção ao Supremo.

Porque sendo o homem um ser mental, ele naturalmente imagina que a mente é o grande e único líder e ator e criador ou o agente indispensável no universo. Mas isso é um erro; mesmo em relação ao conhecimento, a mente não é o único instrumento, maior ou possível, o único aspirante e descobridor. A mente é um interlúdio canestro entre a ação precisa e vasta do subconsciente da Natureza e a enormidade infalível da ação superconsciente da Divindade.

Não há nada que a mente possa fazer que não possa ser feito melhor na imobilidade da mente e na quietude do livre pensamento.

Quando a mente fica tranqüila, então a Verdade aproveita-se da oportunidade para ser ouvida na pureza do silêncio.

A Verdade não pode ser conseguida através do pensamento da Mente, mas apenas por identidade e pela visão silenciosa. A Verdade vive na calma da Luz muda dos espaços eternos; ela não se manifesta no ruído e no palrar do debate lógico.

O pensamento na mente pode, no máximo, ser a vestimenta brilhante e transparente da Verdade; não é nem mesmo seu corpo. Olhe através da veste e não para ela e você poderá ver alguma insinuação de sua forma. Pode ser um corpo-pensamento da Verdade, mas é o Pensamento e a Palavra espontâneas supramentais que, completamente formados, ressaltam da Luz, não alguma imitação e miscelânea mentais e difíceis. O Pensamento supramental não é um meio para chegar à Verdade, mas um modo de a expressar, pois a Verdade na Supramente é auto-criada ou auto-existente. É uma seta da Luz, não uma ponte para a alcançar.

Cale interiormente o pensamento e a palavra, fique imóvel dentro, olhe em direção à luz acima e para fora, em direção à vasta consciência cósmica que está à sua volta.

Seja uno cada vez mais com a luminosidade e a vastidão. Então, a Verdade raiará de cima sobre você e derramar-se-á em você de tudo à sua volta.

Mas só se a mente não for menos intensa em sua pureza do que seu silêncio. Por que numa mente impura o silêncio será logo preenchido por luzes enganadoras e vozes falsas, o eco e a sublimação de seus próprios conceitos e opiniões enfatuados ou a resposta a seu orgulho secreto, vaidade, ambição, lascívia, cobiça ou desejo. Os Titãs e os Demônios falarão a ele mais rapidamente do que as Vozes divinas.

O Silêncio é indispensável, mas também há necessidade de amplidão. Se a mente não estiver silenciosa, ela não pode receber as luzes e vozes da Verdade superna ou as recebe misturadas às suas próprias línguas trêmulas e ao balbucio pretensioso e cego. Ativa, arrogante, barulhenta, ela distorce e desfigura o que recebe. Se não for vasta, não pode abrigar o poder efetivo e a força criativa da Verdade. Alguma luz pode adejar lã, mas torna-se estreita, confinada e estéril: a Força que desce fica aprisionada e frustrada e se retira outra vez deste plano rebelde e estranho para suas vastas alturas. Ou mesmo se algo desce e permanece é uma pérola no lodaçal, porque nenhuma mudança acontece na natureza, ou então, se forma apenas uma fraca intensidade que aponta acanhadamente para as culminâncias, mas pouco pode guardar e difundir no mundo à sua volta.

A Alma e o Ser Psíquico

Quando a alma ou "centelha do Fogo Divino" começa a desenvolver uma individualidade psíquica, essa individualidade psíquica é chamada de ser psíquico.

A alma ou centelha existe antes do desenvolvimento de uma mente e um vital organizados. A alma é alguma coisa do Divino que desce dentro da evolução, como um Princípio divino no interior dela, para servir de suporte para a evolução do indivíduo, da Ignorância para a Luz. Ela desenvolve no decurso da evolução um indivíduo psíquico ou individualidade-alma que cresce de vida para vida, usando a mente, o vital e o corpo evolventes como seus instrumentos. É a alma que é imortal, enquanto o resto se desintegra, ela passa de vida para vida, carregando sua experiência em essência e a continuidade da evolução do indivíduo.

É a consciência toda, mental, vital e física, também, que tem que se elevar para se unir a uma consciência mais alta e uma vez realizada essa união, a consciência mais alta tem que descer dentro delas. O psíquico está por trás de tudo isso como base de apoio.

Uma distinção tem que ser feita entre a alma em sua essência e o ser psíquico. Por trás de cada um e de tudo está a alma que é a centelha do Divino - nada poderia existir sem ela. Porém, é perfeitamente possível existir um ser vital e físico sem um ser psíquico claramente evolvido por trás dele. Contudo, não se pode fazer afirmações generalizadas de que nenhum aborígene possua uma alma ou que não haja nenhuma manifestação da alma em qualquer parte.

O ser interior é composto do mental interior, do vital interior, do físico interior - porém isso não é o ser psíquico. O psíquico é o ser mais profundo e completamente distinto deles. A palavra "psíquico" é realmente usada em inglês para indicar alguma coisa diferente ou mais profunda que a mente, vida e corpo externos, alguma coisa oculta ou suprafísica, porém esse é um uso que traz confusão e erro e nós o descartamos inteiramente quando falamos ou escrevemos sobre Yoga. Em linguagem comum, podemos usar algumas vezes a palavra "psíquico" no sentido popular mais livre, ou na poesia, quando não estiver presa à exatidão intelectual, podemos às vezes falar da alma no sentido comum e mais exterior, ou no sentido do verdadeiro psíquico.

O ser psíquico está velado pelos movimentos superficiais e se expressa o melhor que pode através desses instrumentos exteriores, que são governados mais pelas forças externas do que pelas influências internas do psíquico. Porém, isso não significa que eles estejam isolados inteiramente da alma. A alma está no corpo do mesmo modo que a mente ou o vital - porém o corpo que ela ocupa não é apenas esse corpo grosseiro físico, mas o corpo sutil também. Quando o revestimento grosseiro se dissolve, os revestimentos vital e mental do corpo ainda permanecem como veículos da alma, até que eles também se dissolvam.

A alma de uma planta ou de um animal não está inteiramente adormecida - apenas seus meios de expressão são menos desenvolvidos do que os do ser humano. Há muito na planta que é psíquico, muito que é psíquico no animal. A planta evoluiu apenas o físico-vital em sua forma, assim ela não pode se expressar; o animal tem uma mente vital e a pode expressar, mas sua consciência é limitada e suas experiências são limitadas, de modo que a essência psíquica tem uma consciência e uma experiência menos desenvolvidas do que aquelas presentes no homem, ou pelo menos, que lhe é possível. Contudo, os animais têm uma alma que pode corresponder bem aproximadamente ao psíquico no homem.

É claro que o "fantasma" não é a alma. Ele é ou o homem que aparece em seu corpo vital ou um fragmento de seu vital que foi agarrado por algum ser ou força vital. A parte vital em nós persiste normalmente por algum tempo após a dissolução do corpo, e passa para o plano vital, onde permanece até que o revestimento vital se dissolva. Depois ele passa, se for desenvolvido mentalmente, para o revestimento mental e para algum mundo mental e, finalmente, o psíquico deixa também o seu revestimento mental e vai para seu lugar de descanso. Se o mental for extremamente desenvolvido, então a parte mental em nós pode permanecer; do mesmo modo pode o vital, desde que eles sejam organizados e reunidos à volta do verdadeiro ser psíquico - então eles podem compartilhar da imortalidade do psíquico. Caso contrário, o psíquico atrai a mente e a vida para dentro de si mesmo e penetra numa quietude internatal.

O Ser Psíquico e o Psíquico

O ser psíquico é a centelha do Divino envolvida aqui na existência individual. Ela cresce e evolue na forma do ser psíquico.

A nossa parte psíquica é algo que vem diretamente do Divino e está em contato com a Divino. Em sua origem, é o núcleo prenhe de possibilidades divinas que suporta esta manifestação tripla mais inferior da mente, vida e corpo. Este elemento divino existe em todos os seres vivos, porém permanece escondido por trás da consciência ordinária; não é a princípio desenvolvido e, mesmo quando desenvolvido, não está sempre ou freqüentemente à frente; e se expressa, tanto quanto a imperfeição do instrumento permite, por seus meios e sob suas limitações. Ele cresce na consciência pelas experiências dirigidas a Deus, ganhando força cada vez que há um movimento elevado em nos e, finalmente, pela acumulação destes movimentos mais profundos e mais elevados, desenvolve uma individualidade psíquica - o que chamamos usualmente de ser psíquico.

O Ser Psíquico e o Eu (Espírito).

O psíquico é a alma que se desenvolve na evolução - o espírito é o Eu que não é afetado pela evolução; ele está acima dela - apenas está encoberto pela atividade da mente, vida e do corpo.

É necessário compreender claramente a diferença entre a alma evolvente (ser psíquico) e o puro Atman, Eu ou Espírito. O puro Eu não nasce, não passa através da morte ou nascimento, é independente do nascimento ou do corpo, mente ou vida, ou desta Natureza manifestada. Não está preso a estas coisas, não é limitado nem afetado, apesar de assumi-las e suportá-las. A alma ao contrário, é algo que desce dentro do nascimento e através da morte (embora ela própria não morra, porque é imortal), passa de um estado para o outro, do plano da terra para outros planos e volta outra vez à existência na terra. Ela continua com esta progressão, de vida em vida, através de uma evolução que a leva até o estado humano e evolue, por meio de tudo isso, um ser de si própria, que chamamos de ser psíquico, que suporta a evolução e desenvolve uma consciência mental, vital e física como seus instrumentos de experiência do mundo e de uma auto-expressão disfarçada, imperfeita, porém crescente.

Renascimento

Você deve evitar um erro popular comum sobre a reencarnação. A idéia popular é que Titus Balbus renasce novamente como John Smith, um homem com a mesma personalidade, caráter, realizações, que tinha em sua vida anterior, com a única diferença que usa paletó e calça em vez de toga, e fala inglês "cockney" em vez de latim popular. Não é este o caso. Qual seria a utilidade terrena de repetir a mesma personalidade e caráter um milhão de vezes, do começo do tempo até seu fim? A alma vem à existência para experiência, crescimento, evolução, até que possa trazer o Divino para dentro da Matéria. É o ser central que se encarna, não a personalidade exterior - a personalidade é apenas um molde que ele cria para suas formas de experiências naquela vida. Em um outro nascimento, criará para si uma vida e carreira diferentes. Supondo que Virgílio nasça outra vez, ele pode seguir a poesia em uma ou duas outras vidas, porém certamente não escreverá uma poesia épica, mas antes, talvez, belos versos líricos, leves e elegantes, como quis escrever em Poma, mas não conseguiu. Noutro nascimento, provavelmente, não será nenhum poeta, porém um filósofo e um yogue procurando alcançar e expressar a verdade mais alta - porque isto também foi uma tendência irrealizada de sua consciência naquela vida. Talvez antes, ele tenha sido um guerreiro ou regente praticando feitos, como Enéas ou Augusto, antes de cantá-los. E, assim por diante, - deste ou daquele modo, o ser central desenvolve um novo caráter, uma nova personalidade, cresce, desenvolve-se, passa por toda espécie de experiências terrestres.

Enquanto o ser evolutivo desenvolve-se cada vez mais e torna-se rico e complexo, ele acumula suas personalidades, por assim dizer. Algumas vezes elas permanecem por trás dos elementos ativos, lançando alguma cor, algum traço, alguma capacidade aqui e ali, - ou permanecem à frente, e há então uma personalidade múltipla, um caráter de muitas facetas ou uma capacidade multilateral, que se parece algumas vezes com uma capacidade universal. Mas se uma personalidade anterior, uma capacidade anterior é trazida à frente integralmente, não será para repetir o que já foi feito, mas para projetar a mesma capacidade em novas formas e contornos e fundi-la numa nova harmonia do ser, que não será a reprodução do que foi antes. Assim, você não deve esperar ser o que o guerreiro e o poeta foram. Algo das características exteriores poderá reaparecer, mas muito mudadas e remodeladas numa nova combinação. É numa nova direção que as energias serão guiadas para fazer o que não foi feito antes.

Outra coisa. Não é a personalidade nem o caráter, que são de primeira importância no renascimento - é o ser psíquico que permanece por trás da evolução da natureza e evolui com ela. Quando o psíquico deixa o corpo espalhando o mental e o vital para seu lugar de repouso, carrega consigo o âmago de suas experiências, - não os acontecimentos físicos, não os movimentos vitais, não as construções mentais, não as capacidades ou caracteres, mas alguma coisa essencial que colheu deles, que pode ser chamada de elemento divino, pelo bem do qual o resto existiu. Isto é a adição permanente, é isto que ajuda a crescer em direção ao Divino. É por essa razão que, usualmente, não há memória dos acontecimentos e circunstâncias exteriores de vidas passadas - para esta memória, deve haver um forte desenvolvimento em direção à continuidade ininterrupta da mente, do vital, até mesmo do físico sutil; pois embora ela permaneça numa forma de semente-memória, raramente emerge. O que foi o elemento divino na magnanimidade do guerreiro, que se expressou na sua lealdade, nobreza, grande coragem, o que foi o elemento divino por trás da mentalidade harmoniosa e da vitalidade generosa do poeta e se expressou neles, isto permanece e numa nova harmonia de caráter pode encontrar uma nova expressão, ou, se a vida estiver voltada para o Divino, será usado como forças para a realização ou para o trabalho que tem de ser feito pelo Divino.

O Objetivo do Nascimento, Renascimento e Boas e Más Ações

O ser psíquico na hora da morte não escolhe nem planeja a próxima formação da personalidade, ele a fixa. Quando entra no mundo psíquico, ele começa a assimilar a essência de suas experiências, e através dessa assimilação é formada a futura personalidade psíquica, de acordo com a fixação já feita. Quando esta assimilação termina, ele está pronto para um novo nascimento. Mas os seres menos desenvolvidos não planejam a coisa totalmente por si mesmos. Há seres e forças do mundo superior que fazem esse trabalho. Também, quando ele nasce, existe a possibilidade de que as forças do mundo físico se atravessem no planejamento daquilo que ele queria - sua própria instrumentação nova talvez não seja suficientemente forte para esse propósito; porque há a interação de suas próprias energias e das forças cósmicas aqui. Pode haver frustração, desvio, um planejamento parcial - muita coisa pode acontecer.

Tudo isso não é uma engrenagem rígida, é um planejamento de forças complexas. Pode-se acrescentar, entretanto, que um ser psíquico desenvolvido é muito mais consciente nesta transição e planeja muito disso por si mesmo. O tempo depende também do desenvolvimento e de um certo ritmo do ser - para alguns, há praticamente um renascimento imediato, para outros demora mais, e para outros ainda pode levar séculos. Mas aqui, novamente, desde que o ser psíquico seja suficientemente desenvolvido, ele é livre para escolher seu próprio ritmo e seu próprio intervalo. As teorias comuns são muito mecânicas (e esse é o caso também dessa idéia de punya e pãpa e seus resultados na vida seguinte). Certamente há resultados de energias colocadas em movimento na vida anterior, mas não nesse princípio algo infantil. O sofrimento de um bom homem nesta vida seria a prova, de acordo com a teoria ortodoxa, de que ele teria sido um grande vilão na vida passada. O prosperar de um homem mau seria a prova de que ele teria sido muito bondoso na sua última visita à terra e espalhado uma grande sementeira de virtudes e ações meritórias, para colher esta plantação trasbordante de boa fortuna. Muito simétrico para ser verdadeiro. Sendo o objetivo do nascimento o progresso através de experiências, quaisquer reações que venham de ações passadas devem ocorrer para que o ser aprenda e cresça, não como pirulitos para os bons meninos da classe (no passado) e castigo para os maus. A sanção real para o bem e o mal não é a boa sorte para um e a má sorte para o outro, mas sim que o bem nos leva em direção a uma natureza superior, que é eventualmente elevada acima do sofrimento, e o mal nos puxa em direção a uma natureza inferior, que sempre permanece no círculo do sofrimento e do mal.

É Isto o Fim?

É isto o fim de tudo que fomos,
É tudo que fizemos ou sonhamos?
Um nome não lembrado e uma forma desfeita,
É isto o fim?

Um corpo apodrecendo sob a lage de pedra
Ou transformado em cinzas pelo fogo,
Uma mente dissolvida, perdidos seus esquecidos pensamentos,
É isto o fim?

Nossas poucas horas que foram e não mais são,
Nossas paixões outrora tão elevadas,
Sendo zombadas pela terra tranqüila e a calma luz do sol,
É isto o fim?

Nossos anseios de elevação humana em direção a Deus
Passando para outros corações
Iludidos, enquanto o mundo sorri para a morte e o inferno,
É isto o fim?

Caída está a harpa, ela jaz despedaçada e muda;
Está morto o invisível tocador?
Porque a árvore tombou onde o pássaro cantava,
Deve o canto também emudecer?

Aquele que na mente planejou e desejou e pensou,
Trabalhou para reformar o destino da terra,
Aquele que no coração amou e suspirou e esperou,
Também chega ele ao fim?

O imortal no mortal é o seu Nome;
Aqui uma Divindade artista
Em formas mais divinas, sempre se remodela,
Sem vontade de cessar

Até que tudo seja feito, para o que as estrelas foram criadas,
Até que o coração descubra Deus
E a alma se conheça. E mesmo então Não há nenhum fim.

A Real Dificuldade

A real dificuldade está sempre em nós mesmos, não à nossa volta. Há três coisas necessárias para fazer o homem invencível: Vontade, Desinteresse e Fé. Podemos ter uma vontade para nos emancipar, mas Fé suficiente pode estar faltando. Podemos ter uma fé em nossa liberação final, mas a vontade de usar os meios necessários pode estar faltando. E mesmo que haja vontade e fé, podemos as usar com um apego violento aos frutos de nosso trabalho ou com paixões de ódio, excitação cega ou apressada violência, que podem produzir reações prejudiciais. Por esta razão é necessário, nesse trabalho de tal magnitude, procurar refúgio num Poder mais elevado que o da mente e do corpo, a fim de vencer obstáculos sem precedentes. Esta é a necessidade de fazer Sadhana.

Deus está dentro de nós, um Poder Onipotente, Onipresente, Onisciente; nós e Ele somos de uma mesma natureza e, se entrarmos em contato com Ele e colocarmos-nos em Suas mãos, Ele derramará em nós Sua própria Força e descobriremos que nos, também, temos o nosso quinhão de divindade, nossa porção de onipotência, onipresença e onisciência. O caminho é longo, mas a entrega torna-o curto; a senda é difícil, mas perfeita confiança torna-a fácil.

A Vontade é onipotente, mas deve ser vontade divina, desprendida, tranqüila, sem cuidados sobre os resultados. "Se você tivesse fé, mesmo do tamanho de um grão de mostarda" disse Jesus, "você diria àquela montanha: Venha e ela viria até você." O que significava a palavra Fé era realmente Vontade, acompanhada de perfeita Sraddha. Sraddha não raciocina, ela sabe: pois ela comanda a visão e vê o que Deus quer, e ela sabe que, o que for da Vontade de Deus, acontecerá. Sraddha sem ser cega, mas usando a visão espiritual, pode tornar-se onisciente.

A Vontade é também onipotente. Pode lançar-se dentro de tudo com o qual entra em contato e conferir-lhe uma porção de seu poder, seus pensamentos, seus entusiasmos, temporária ou permanentemente. O pensamento de um homem solitário pode tornar-se, pelo exercício da vontade desinteressada e confiante, o pensamento de uma nação. A vontade de um único herói pode impregnar de coragem os corações de milhares de covardes.

Este é o Sadhana que devemos empreender. Esta é a condição de nossa libertação. Temos usado uma vontade imperfeita com uma fé imperfeita e um imperfeito desprendimento. No entanto, a tarefa diante de nós é menos difícil do que mover uma montanha.

A força que pode fazer isto existe. Mas está escondida numa câmara secreta dentro de nós e, desta câmara, Deus guarda a chave.

Vamos achá-Lo e reclamá-la.

O Entrave

Quando tivermos passado além dos conhecimentos, então teremos o Conhecimento; a Razão foi o auxílio, a Razão é o entrave.

Quando tivermos passado além do querer, então teremos o Poder; o Esforço foi o auxílio, o Esforço é o entrave.

Quando tivermos passado além dos prazeres, então teremos a felicidade; o Desejo foi o auxílio, o Desejo é o entrave.

Quando tivermos passado além da individualização, então seremos as Pessoas reais; o Ego foi o auxílio, o Ego é o entrave.

Quando tivermos passado além da humanidade, então seremos o Homem; o Animal foi o auxílio, o Animal é o entrave.

Transforma tua razão em uma intuição ordenada; que tudo em ti seja luz. Este é teu alvo.

Transforma teu esforço em um conhecimento igual e soberano da força da alma; que tudo em ti seja força consciente, Este é teu alvo.

Transforma teu prazer em um êxtase igual e sem objetivo; que tudo em ti seja felicidade. Este é teu alvo.

Transforma o indivíduo dividido na personalidade universal; que tudo em ti seja divino. Este é teu alvo.

Transforma o animal no Pastor dos rebanhos; que tudo em ti seja Krishna. Este é teu alvo.

É a Existência uma Ilusão?

Nossa vida não é nem acidente, nem mecanismo; não é o capricho de algum Acaso auto-organizado e amplamente espalhado, nem é o resultado de uma Necessidade material cega e incalculável.

O que chamamos Acaso é um jogo de possibilidades do Infinito; o que chamamos Necessidade é uma verdade de coisas se evidenciando em uma seqüência de Tempo do Infinito.

Nossa vida parece, de fato, nascer de uma Inconsciência cósmica que, empurrada, de algum modo, em direção à construção do mundo, faz o que pode ou o que deve, mas em nenhum caso tem conhecimento de si própria ou de sua ação. Contudo, existe um significado nestes trabalhos, uma intenção consciente; nossa vida é guiada pela vontade de algum Ser secreto, secreto talvez dentro de seu próprio fenômeno, em direção à solução deste Mistério cósmico condicionado, o desenrolar de um Enigma decidido e poderoso.

O que vemos em nós e à nossa volta é um jogo de Deus, uma Lila. É uma cena arranjada, um drama representado por uma única Pessoa, com suas próprias personalidades múltiplas em sua própria existência impessoal - um jogo, um plano desempenhado na substância plástica e vasta de seu próprio ser-mundo. Ele joga com os poderes e forças de sua Natureza um jogo de emergência do Eu inconsciente, de onde tudo aqui se originou, através da consciência mista e imperfeita, que é tudo o que conseguimos alcançar, em direção a uma suprema consciência, uma natureza divina.

Isto não podemos saber agora; nossos olhos estão fixos numa manifestação exterior parcial, que vemos e chamamos de universo - apesar de mesmo agora vemos e sabemos muito pouco dele ou sobre ele, conhecermos talvez um pouco de seus processos, mas nada fundamental, nada de sua realidade, - e uma manifestação interior parcial que não vemos, mas experimentamos e sentimos e chamamos de nós mesmos. Nossa mente está confinada numa ranhura entre dois fragmentos e tende a considerá-la como o total das coisas e a única existência tangível e real.

É assim que o sapo se considera e a seu poço. Mas temos que crescer além desta consciência de sapo e exceder os limites deste poço. No fim, chegaremos a perceber que temos um ser divino mais verdadeiro, do qual nossa mesquinha personalidade é apenas uma superfície e um produto corrompido, uma Consciência mais verdadeira e divina na qual devemos nos tornar auto-conscientes e conscientes do mundo, descartando nossa visão presente fragmentada, atada ao eu e às coisas.

O termo de nosso destino já nos é conhecido; temos que nos elevar daquilo que somos agora para uma existência mais luminosa, do prazer e dor para uma ventura mais vasta e profunda, de nosso conhecimento e ignorância conflitantes para uma luz de consciência ilimitada e espontânea, de nossa força e fraqueza desajeitadas para um Poder seguro e todo compreensivo, da divisão e do ego para a universalidade e unidade. Há uma evolução e temos que a completar; uma animalidade humana ou uma humanidade animal não é bastante. Devemos passar da figura inadequada da humanidade para uma figura da Divindade, da mente para a supermente, da consciência do finito para a consciência do Infinito, da Natureza para a Supernatureza.

A Pressão do Espírito Escondido

O mundo é um grande jogo de esconde-esconde, no qual o real se esconde por trás do aparente, o espírito por trás da matéria. O aparente mascara-se como real, o real é visto vagamente como se fosse uma sombra sem substância. A grandeza do universo visível e de suas leis escraviza a imaginação do homem. "Isso é uma máquina poderosa", exclamamos, "mas ela se move por sua própria força e não necessita de guia ou produtor, porque sua moção é eterna". Cegos por uma meia-verdade, falhamos em ver que, em vez de uma máquina sem produtor, há realmente apenas uma existência e nenhuma máquina. Os hindus têm muitas imagens pelas quais procuram transmitir seu conhecimento da relação entre Deus e o mundo,

mas a idéia da máquina não é muito espalhada entre eles. É uma aranha e sua teia, o fogo com muitas faíscas, um lago de água salgada no qual cada partícula está saturada de sal. O mundo é um sonho desperto, uma visão corporificada, uma massa de conhecimento organizada em aparências corpóreas expressando várias idéias, cada uma sendo apenas uma parte da única verdade imutável. Tudo é colocado para fora em estado latente, nada produz existência. Apenas aquilo que era, pode ser, não aquilo que não era. E aquilo que é, não perece, pode somente se perder. Tudo é eterno no eterno Espírito.

O que era antigamente? O Espírito. O que é sozinho? O Espírito. O que será para sempre? O Espírito. Tudo que existe no Espaço e no Tempo é Ele; e o que quer que exista além do Espaço e do Tempo, isso também é Ele. Por que deveríamos pensar assim? Por causa da unidade eterna e invariável que dá permanência às variabilidades dos muitos. A soma da Matéria nunca muda por acréscimo ou diminuição, embora suas partes componentes estejam continuamente se deslocando, e assim também acontece com a soma da energia no mundo, assim também com o Espírito. Matéria é apenas a mesma coisa que Espírito, manifestando a moção que chamamos de energia. Espírito é Força, Espírito é Existência, - matéria e energia são unicamente moções no Espírito. Força e Existência reunidos em Ventura, saccidānanda, isto é, a eterna realidade das coisas. Mas essa Força não é moção, é Conhecimento ou Idéia. Conhecimento é a fonte da moção, não a moção do Conhecimento. O Espírito portanto é tudo. É único. Idéia ou Força, Existência, Ventura são apenas suas manifestações, a existência subentendendo a idéia que é força, força ou idéia significando ventura.

O Espírito manifestado como Inteligência é a base do mundo. O Espírito como existência, sat, é uno; como Inteligência multiplica-se a si mesmo sem cessar de ser um. Vemos aquela árvore e dizemos "Aqui está uma coisa material"; mas se perguntarmos como a árvore chegou a existir, temos que dizer que ela cresceu ou evoluiu da semente. Porém, crescimento ou evolução são termos que descrevem apenas a seqüência de um processo. Não explica a origem ou responde pelo processo em si, Por que deveria a semente produzir uma árvore e não alguma outra forma de existência? A resposta é porque essa é sua natureza. Mas por que essa é sua natureza? Por que não deveria sua natureza produzir alguma outra forma de existência ou alguma outra espécie de árvore? Essa é a lei, é a resposta. Mas por que é a lei? A única resposta é que é assim, porque e; acontece, porque, nenhum homem pode dizer. Na realidade quando falamos de Lei, falamos de uma idéia, quando falamos da natureza de uma coisa, falamos de uma idéia. Em parte alguma podemos colocar nossas mãos em um objeto, uma força visível, um impulso perceptível e dizer: "Aqui está uma entidade chamada Lei ou Natureza". A semente desenvolve-se numa árvore, porque a árvore é a idéia envolvida na semente; é um processo de manifestação na forma, não uma criação. Se não houvesse uma idéia insistente, teríamos um mundo de acasos e extravagâncias, não um mundo de lei não haveria tal idéia como a natureza das coisas, se não houvesse uma inteligência originadora e organizada manifestando uma idéia particular em formas. E a forma varia, nasce, perece, a idéia é eterna. A forma é a manifestação ou aparecimento, a idéia é a verdade. A forma é fenômeno, a idéia é realidade.

Portanto, em todas as coisas o pensador hindu vê a premência do Espírito escondido. Vemos isso como prajña, a Inteligência universal, consciente nas coisas inconscientes, ativa nas coisas inertes. A energia de prajña é o que os europeus chamam de Natureza. A árvore não molda a si mesma, nem o pode fazer, é a pressão da Inteligência escondida que a molda. Ela está na semente do homem e essa pequena partícula de matéria carrega em si o hábito, o caráter, os tipos de emoção na criança ainda não nascida. Portanto, a hereditariedade é verdadeira; porém se prajña não estivesse escondida na semente, a hereditariedade seria falsa, inexplicável, impossível. Vemos a mesma insistência na mente, no coração, no corpo do homem, Como o Espírito escondido pressiona a si mesmo no corpo, imprime-se nele, expressa-se nele, o corpo expressa a individualidade do homem, o desenvolvimento e a idéia consciente ou o tipo variado que sou eu. Portanto, não existem dois rostos, duas expressões, duas impressões digitais que sejam completamente iguais; cada parte do corpo, de um modo ou de outro, expressa o homem. A pressão do Espírito está evidente na mente e no coração; portanto, homens, famílias, nações, têm individualidades que se acham presentes nos hábitos particulares de pensamento e sentimento, e consequentemente eles são parecidos ou dessemelhantes. Logo, os homens agem e reagem entre si, não apenas fisicamente, mas também espiritualmente, intelectualmente e moralmente, porque existe um único eu em todas criaturas, que se expressa em diversas idéias e formas, que condizem de modo variado com a idéia. A pressão do Espírito escondido expressa-se outra vez nos eventos e no curso majestoso do mundo. Este é o Espírito do Tempo, este é o propósito que corre através do processo dos séculos, na mudança dos sóis, tornando possível a evolução, proporcionando-lhe um caminho, meios e objetivos. "Isso é Ele que, desde eras eternas, ordenou perfeitamente todas as coisas."

O Eu Aparente e o Eu Real

Este é teu trabalho e a meta de teu ser e a razão de estares aqui, para tornar-te o divino superhomem e um perfeito receptáculo da Divindade. Tudo o mais que tens que fazer é somente uma preparação para te aprontares, ou uma alegria no caminho, ou um declínio de teu propósito. Mas a meta é esta e o propósito é este e não no poder do caminho e na alegria do caminho, porém na alegria da meta está a grandeza e o deleite de teu ser. A alegria do caminho é porque aquilo que te está atraindo, está também dentro de ti na tua senda, e o poder para galgar te foi dado, para que possas escalar até tuas próprias culminâncias.

Se tu tens um dever, este é teu dever; se tu perguntas qual será tua meta, que esta seja tua meta; se tu careces de prazer, não existe maior alegria, pois toda outra alegria é fragmentada ou limitada, a alegria de um sonho ou a alegria de um sono ou a alegria do auto-esquecimento. Mas esta é a alegria de teu ser inteiro. Porque, se tu dizes que é meu ser, este é teu ser, o Divino, e tudo mais é apenas sua aparência pervertida e fragmentada. Se procuras a Verdade, esta é a Verdade. Coloque-a diante de ti e em todas as coisas sê fiel a ela.

Disse bem alguém que viu, mas através de um véu e tomou o véu pela face, que tua meta é a de te tornares tu mesmo; e ele disse bem, outra vez, que é da natureza do homem transcender a si mesmo. Esta é, na verdade, sua natureza e esta é, na verdade, a meta divina de sua transcendência.

O que é então o eu que tu tens de transcender, e o que é o Eu que tu tens de te tornar? Porque é aqui que tu não deverias fazer nenhum erro; pois esse erro de não te conheceres a ti mesmo é a fonte de todas as tuas tristezas e a causa de todos os teus tropeços.

Isso que tu tens de transcender é o eu que tu aparentas ser, e isso é o homem como tu o conheces, o aparente Purusha. E o que é este homem? Ele é um ser mental, escravizado à vida e à matéria; e quando não está escravizado à vida e à matéria, ele é o escravo de sua mente. Mas essa é uma escravidão grande e pesada, porque ser escravo da mente é ser escravo do falso, do limitado e do aparente.

O Eu que tu tens de te tornar é aquele Eu que tu és dentro, por trás do véu da mente e da vida e da matéria. É ser o espiritual, o divino, o superhomem, o real Purusha. Porque aquilo que está acima do ser mental é o superhomem. E ser o senhor de tua mente, de tua vida e de teu corpo; é ser um rei sobre a Natureza, de quem és agora um instrumento, é revelar-se acima dela, que agora te tem sob seus pés. É ser livre e não o escravo, é ser uno e não dividido, é ser imortal e não sombreado pela morte, é ser pleno de luz e não obscurecido, é ser pleno de bem-aventurança e não um brinquedo de tristezas e sofrimentos, é ser exaltado ao poder e não lançado dentro da fraqueza. É viver no Infinito e possuir o finito. É viver em Deus e ser uno com Ele em seu ser. Tornar-te tu mesmo é ser isso e tudo que flui disso.

Sê livre em ti mesmo e portanto livre em tua mente, livre em tua vida e em teu corpo. Porque o Espírito é liberdade.

Sê uno com Deus e com todos os seres; vive em ti mesmo e não em teu pequeno ego. Porque o Espírito é união.

Sê tu 'mesmo imortal, e não ponhas tua fé na morte; porque a morte não é de ti mesmo, mas de teu corpo. Porque o Espírito é imortalidade.

Ser imortal é ser infinito em ser e consciência e bem-aventurança; porque o Espírito é infinito e aquilo que é finito vive apenas de sua infinitude.

Estas coisas tu és, portanto tu podes tornar-te todas elas; mas se tu não fores estas coisas, então tu não podes nunca te tornar nelas. O que está dentro de ti, isso somente pode ser revelado em teu ser, Tu aparentas, na verdade, ser diferente, mas por que razão deverias te escravizar às aparências?

Melhor erguer-te, transcender a ti mesmo, tornar-te tu mesmo. Tu és homem e toda a natureza do homem é tornar-se mais que ele mesmo. Ele era o homem-animal, ele tem que se tornar mais que o animal-homem. Ele é o pensador, o artesão, o que busca a beleza. Ele será mais que o pensador, ele será o vidente do conhecimento, ele será mais que o artesão, ele será o criador e o senhor de sua criação; ele será mais que aquele que busca a beleza, porque desfrutará de toda a beleza e de todo o deleite ... No físico, ele procura por esta substância imortal; no vital, ele busca a vida imortal e o infinito poder de seu ser; no mental, e parcialmente em conhecimento, busca a luz total e a completa visão.

Possuir isso é tornar-se o superhomem; porque ele tem que se erguer acima da mente até o Supermente. Chame-a de mente ou Conhecimento ou de Supermente; é o poder e a vontade divina e a divina consciência. Pela Supermente o Espírito viu e criou a si mesmo em mundos; por ela, ele vive neles e governa-os. Por ela, ele é Swarat, o soberano de si e de tudo.

Viver no Ser Divino e deixar que a consciência e a ventura, a vontade e o conhecimento do Espírito te possuam e brinquem contigo e através de ti, este é o significado.

Esta é a transfiguração de ti mesmo na montanha. É descobrir Deus em ti mesmo e revelá-Lo a ti mesmo em todas as coisas. Vive em seu ser, brilha com sua luz, age com seu poder, regozija-te com sua ventura. Sê essa Fogo e esse Sol e esse Oceano. Sê essa alegria, essa grandeza e essa beleza.

Os Grilhões

O mundo inteiro anseia por liberdade, no entanto, cada criatura está apaixonada por seus grilhões; este é o primeiro paradoxo e o nó intrincável de nossa natureza.

O homem está apaixonado pelos grilhões de nascimento, assim ele fica aprisionado aos grilhões companheiros da morte. Nestes grilhões ele aspira pela liberdade de seu ser e domínio de sua realização.

O homem está apaixonado pelo poder; assim ele fica sujeito à fraqueza. Porque o mundo é um mar de ondas de força, que se encontram e continuamente se chocam umas com as outras; ele que poderia cavalgar na crista de uma onda, deve ser vencido sob o choque de centenas.

O homem está apaixonado pelo prazer; por isso ele deve se submeter ao jugo da tristeza e da dor. Porque a felicidade sem mistura é apenas para a alma livre e sem paixão; mas isso que continua no homem depois do prazer é uma energia sofredora e extenuada.

O homem tem fome de calma, mas também tem sede de experiências de uma mente agitada e de um coração inquieto.

Para sua mente, o prazer é uma febre, a calma, uma inércia e monotonia,

O homem está apaixonado pelas limitações de seu ser físico, e contudo gostaria de ter também a liberdade de sua mente infinita e de sua alma imortal.

E alguma coisa nele encontra uma curiosa atração por estes contrastes; eles constituem, para o ser mental, a intensidade artística da vida. Não é apenas o néctar, mas o veneno também que atrai seu paladar e sua curiosidade.

A Verdade Secreta

Tudo se origina do Divino, da Eternidade, do Infinito, tudo subsiste Nele e apenas por Ele; tudo termina ou culmina no Divino Eterno e Infinito. Este é o primeiro postulado indispensável para nossa busca espiritual - porque em nenhuma outra base podemos encontrar o conhecimento sublime e a vida mais nobre.

Todo tempo move-se no Eterno; todo espaço está espalhado no Infinito; todas as criaturas e criações vivem por causa daquilo que neles é Divino. Isto é evidentemente a verdade de um interior espiritual, mas também prova, no fim, ser a verdade deste espaço e tempo exteriores. É do conhecimento de nosso ser mais íntimo que ele vive, porque é parte do Divino, mas essa também é a verdade da criatura fenomenal e externa, composta de Mente ignorante, Vida cega e Matéria subconsciente. O recôndito Eu é o Alia e o Ômega deste existência manifestada; é também o termo constante, o X onipresente no qual todas as coisas se dissolvem separadamente ou juntas, e que é a soma deles, seu material constituinte e sua essência. Tudo aqui é secretamente o Divino, tudo é o Eterno, tudo é o Infinito.

Mas esta verdade secreta das coisas é contestada pelas aparências externas do mundo, é negada por todos os fatos colocados diante de nos por nossa mente e sentidos, é inconsistente com a tristeza e o sofrimento do mundo, é incompatível com a imperfeição dos seres vivos e a inconsciência imutável das coisas. O que então força a mente a afirmá-la? O que nos compele a admitir uma visão das coisas que está em conflito com nossa visão exterior e experiência?

Porque na superfície de nossa consciência e de tudo à nossa volta existe apenas o temporal e o transiente, apenas o confinado e o finito. O que parece mais amplo, encontra seu limite, o que presumimos ser duradouro, chega a um fim; mesmo este vasto universo, com suas massas de mundos e mais mundos que parecem se estender até o infinito, se evidencia no fim ser apenas um finito sem limites. O homem, que se proclama uma alma divina e um intelecto que tudo descobre, é humilhado pela rude prova da natureza de sua ignorância e incompetência, e exhibe constantemente em seus pensamentos a inclinação para o erro e para a imperfeição, em seus sentimentos e atos, a trivialidade, a mesquinha e a escuridão, ou subitamente, os abismos de falsidade ou loucura ou crueldade de sua natureza. No desempenho deste mundo, o muito que é antidivino prevalece facilmente sobre o pouco que é divino, ou eles são intrincavelmente misturados. O ideal falha na prática, a religião degenera rapidamente em um sectarismo militante, em fanatismo ou formalismo, o bem triunfante torna-se um mal organizado. A doutrina cristã da queda, a idéia Indiana da perambulação da alma em uma ilusão cósmica ou a afirmação céptica de uma Natureza material inconsciente produzindo a anomalia da consciência, muitas vezes parece ser o âmago de toda a questão.

Destino e Livre Arbítrio

Suas citações tomadas separadamente são muito impressionantes, mas quando se lê o livro, a impressão causada diminui e desaparece. Você mencionou o sucesso de Cheiro, mas quanto a seus fracassos? Consultei o livro e fiquei espantado com o número de profecias que não se realizaram. Você não pode deduzir por um pequeno número de prognósticos, embora precisos, que tudo está predestinado, mesmo as perguntas feitas na carta e minha resposta. Pode ser, mas a evidência não é suficiente para prová-lo. O que é evidente é que existe um elemento que se pode profetizar, profetizar acuradamente e nos detalhes, bem como amplamente, no curso dos acontecimentos. Porém isso já era conhecido; deixa a pergunta ainda não esclarecida; se tudo é vaticinado, se o destino é o único fator na existência ou se há outros fatores também que podem modificar o destino, - ou, tendo sido dado o destino, se não há fontes ou poderes ou planos diferentes do destino, e se nós podemos modificar aquele com o qual começamos, apelando por outra fonte de destino, poder ou plano e fazê-lo ativo em nossa vida. As questões metafísicas não são tão simples que possam ser resolvidas incisivamente, quer em um sentido ou em outro que lhe seja contraditório - esse é o modo popular de colocar as coisas, mas é bastante sumário e inconclusivo. Tudo é livre arbítrio ou então tudo é destino - não é tão simples assim. Esta questão do livre arbítrio ou de determinismo é a mais emaranhada de todas as questões metafísicas e ninguém tem sido capaz de solvê-la - pela boa razão que tanto o destino como a vontade existem e mesmo um livre arbítrio existe em algum lugar; a dificuldade consiste apenas em alcançá-lo e fazê-lo efetivo.

Astrologia? Muitas predições astrológicas se realizaram, uma boa quantidade delas, se tomá-las todas juntas. Mas isso não quer dizer que as estrelas rejam nosso destino; as estrelas meramente gravam um destino que já tinha sido formado; elas são hieróglifos, não uma Força - ou, se sua ação constitui uma força, é uma energia transmissora, não um Poder originador. Alguém existe que determinou ou alguma coisa existe que é o Destino, digamos assim; as estrelas são apenas indicadores. Os astrólogos mesmo dizem que há duas forças, "daiva" e "purusakara", destino e energia individual, e a energia individual pode modificar e mesmo frustrar o destino. Além disso, as estrelas geralmente indicam várias possibilidades de destino; por exemplo, que se pode morrer na meia-idade, mas que, se essa determinação puder ser vencida, podemos viver até uma velhice previsível. Finalmente, casos têm sido vistos em que as profecias de um horóscopo se realizam com grande precisão até uma certa idade, depois não se aplicam mais. Isso frequentemente acontece quando a pessoa abandona a vida comum em prol da vida espiritual. Se for uma mudança muito radical, a cessação de prognóstico pode ser imediata; de outro modo, certos resultados podem durar ainda por algum tempo, mas não há mais a mesma inevitabilidade. Isso parece mostrar que há ou pode haver um poder mais elevado ou um plano mais alto ou uma fonte mais elevada de destino espiritual que pode, se sua hora chegar, anular o poder inferior, o plano inferior ou a fonte inferior do destino vital e material dos quais as estrelas são indicadoras. Digo vital porque o caráter pode ser também indicado pelo horóscopo, muito mais completa e satisfatoriamente do que os eventos da vida.

A explicação Indiana para destino é Karma. Nós próprios somos nosso próprio destino através de nossas ações, mas o destino criado por nós amarra-nos; porque o que tivermos semeado, devemos colher nesta vida ou em outra. Constantemente estamos criando nosso destino para o futuro, mesmo enquanto estamos suportando o destino velho do passado em nossa vida presente. Isso dá um significado à nossa vontade e ação e não constitui um fatalismo rígido e esterilizador como os críticos europeus erradamente acreditam. Outra vez, porém, nossa vontade e ação podem muitas vezes anular ou modificar até mesmo o Karma passado e apenas certos efeitos fortes chamados "utkata karma" é que não são modificáveis.

Presume-se aqui também que a realização da consciência e da vida espiritual possa anular ou dar o poder de anular o karma. Porque entramos na Vontade Divina cósmica e transcendente, que pode anular o que tinha sido sancionado para certas condições, que pode criar novamente o que tinha criado e as linhas fixas e estreitas desaparecem; há uma liberdade e vastidão mais plásticas. Nem o Karma nem a Astrologia, portanto, apontam para um destino rígido e para sempre imutável.

Quanto às profecias, nunca encontrei ou conheci um profeta, embora reputado, que fosse infalível. Algumas de suas predições se realizam ao pé da letra, outras não - elas se cumprem pela metade ou falham completamente. Isso não quer dizer que o poder da profecia seja irreal ou que as predições acuradas possam ser todas explicadas pela possibilidade, acaso, coincidência. A natureza e o número daquelas que não podem são muito grandes.

A variabilidade da realização pode ser explicada, quer por um poder imperfeito, algumas vezes ativo no profeta, que algumas vezes falha, ou pelo fato de que as coisas são preditas em parte apenas, são determinadas em parte apenas ou então por fatores diferentes ou diferentes linhas de poder, séries diferentes de potenciais verdadeiros. Enquanto se está em contato com uma linha, pode-se prever acuradamente, de outro modo não - ou se as linhas de poder mudarem, a própria profecia também sai fora dos trilhos. De todo modo, pode-se dizer que deve existir, se é que as coisas são previsíveis, algum poder ou plano, através dos quais ou nos quais tudo é previsível; se existe uma divina Onisciência e Onipotência, deve ser assim. Mesmo então o que é previsível tem que ser elaborado, realmente é trabalhado por um jogo de forças - forças espirituais, vitais e físicas - e nesse plano de forças não há nenhuma rigidez constatável absoluta. A vontade ou esforço pessoal é uma dessas forças. Napoleão quando perguntado porque acreditava no Destino, se, contudo, estava sempre planejando e agindo, respondeu: "Porque está decretado que eu deveria trabalhar e planejar"; em outras palavras, seus planos e ações eram parte do Destino, e contribuíam para os resultados que o Destino tinha em vista. Mesmo que eu preveja um resultado adverso, devo trabalhar por aquilo que considero o que deveria ser; porque isso mantém viva a força, o princípio da Verdade a que sirvo e lhe dá a possibilidade de triunfar depois, e assim se tornar parte do trabalho do Destino futuro favorável, mesmo que o destino do momento seja adverso. O homem não abandona uma causa porque ele sabe que vai fracassar ou porque prevê seu malogro; e ele está certo espiritualmente em sua perseverança obstinada. Ademais, não vivemos para o resultado exterior apenas; o objetivo da vida é muito mais o crescimento da alma - não o sucesso exterior do momento ou mesmo do futuro próximo. A alma pode crescer contra ou mesmo por um destino material adverso.

Finalmente, mesmo se tudo fosse determinado, porque dizer que a vida é, como na frase de Shakespeare, ou melhor, em Macbeth, "uma história contada por um idiota cheio de som e fúria, que nada significa"? A vida assim seria se tudo fosse chance e incerteza vaga. Mas se é algo previsto, planejado em cada detalhe, não significa isso que a vida valha alguma coisa, que deva haver um Propósito secreto que está sendo elaborado, poderosamente, persistentemente, através de eras, e nós próprios somos uma parte dele e companheiros de trabalho na realização desse Propósito invencível?

Psicologia

Psicologia é a ciência da consciência e seus estados e operações na Natureza e, se isso também puder ser vislumbrado ou experimentado, seus estados e operações além do que conhecemos como Natureza.

Não é bastante observar e conhecer os movimentos de nossa natureza ele superfície e a natureza superficial de outras criaturas vivas, assim como, para a Ciência, não é bastante observar e conhecer como eletricidade, unicamente os movimentos do relâmpago nas nuvens, ou para o astrônomo, observar e conhecer somente os movimentos e propriedades das estrelas que são visíveis a olho nu. Aqui como ali, um mundo inteiro de fenômenos ocultos têm que ser desvendados e controlados, antes que o psicólogo possa ter domínio de seu ramo de conhecimento.

Nossa consciência observável, essa que chamamos de nos mesmos, é apenas a parte visível de nosso ser. É um campo pequeno abaixo do qual estão profundezas e profundidades maiores, e extensões e mesmo amplitudes mais vastas que a sustentam e a suprem, mas às quais ela não tem acesso visível. Tudo isso é nosso eu, nosso ser; o que vemos no topo é apenas nosso ego e sua natureza.

Mesmo os movimentos desta natureza de superfície não podem ser compreendidos, nem sua lei verdadeira descoberta, até que saibamos tudo que está abaixo ou por trás e que a sustenta - e conheçamos também tudo que está acima e à volta.

Porque abaixo desta natureza consciente está o vasto inconsciente de onde viemos. O Inconsciente é maior, mais profundo, mais original, mais potente para governar e moldar o que somos e fazemos do que nossa pequena natureza consciente e derivada. Inconsciente para nos, à nossa visão superficial, mas não inconsciente em si mesmo, ou para si mesmo; ele é um guia, um executor determinante e criador soberanos. Não o conhecer é não conhecer nossas regiões mais inferiores e a origem da maior parte do que somos e fazemos. E o Inconsciente não é tudo.

Porque por trás de nosso pequeno ego frontal está um completo domínio subliminal de consciência interior, com muitos planos e regiões. Nesse domínio existem muitos poderes, movimentos e personalidades, que são partes de nós mesmos e que ajudam a formar nossa pequena personalidade superficial e seus poderes e movimentos. Este eu interior, estas pessoas interiores, não as conhecemos, mas elas nos conhecem e observam e ditam nossa fala, nossos pensamentos, nossos sentimentos, o que fazemos, mesmo mais diretamente do que o Inconsciente abaixo de nós.

À nossa volta também está um Universo circunciente do qual somos uma porção. Esta circunciência está derramando suas forças, sugestões, estímulos e compulsões dentro de nós a todo momento de nossa existência.

À nossa volta está uma Mente universal, da qual nossa mente é uma formação, e nossos pensamentos, sentimentos, vontade, impulsos são, freqüentemente, um pouco mais que uma recepção e transcrição modificadas pessoalmente de suas ondas-pensamentos, suas correntes de forças, suas espumas de emoções e sensações, seus vagalhões de impulsos.

À nossa volta está uma vida Universal permanente, da qual nosso insignificante fluxo de formação de vida, que começa e finda, é apenas uma pequena onda dinâmica.

Consciência

Consciência é uma realidade inerente à existência. Existe mesmo quando não está ativa na superfície, mas silenciosa e imóvel; existe mesmo quando é invisível na superfície, não reagindo às coisas externas ou sensível a elas, porém retirada, quer ativa ou inativa dentro; existe mesmo quando nos parece completamente ausente e, à nossa visão, inconsciente e inanimada.

Consciência não é apenas o poder de percepção de si e das coisas, é ou possui também uma energia dinâmica e criativa. Pode determinar suas próprias reações ou abster-se das reações; pode não apenas responder a forças, mas criar ou lançar forças de si própria. Consciência é Chit, mas também é Chit Shakti.

Consciência é usualmente identificada como a mente, porém a consciência mental é apenas uma extensão humana que não exaure todas as possíveis gradações de consciência, assim como a vista humana não exaure todas as gradações de cor ou o ouvido humano todas as gradações de som - porque há muito mais acima ou abaixo que é invisível e inaudível ao homem. Assim, há extensões de consciência acima e abaixo do alcance humano, com as quais o ser humano normal não tem nenhum contato e não tem consciência delas - os níveis supramentais ou sobrementais e os submentais.

Todo homem tem sua própria consciência entrincheira da no corpo, porém entra em contato com seu ambiente apenas através de seu corpo e dos sentidos, e da mente que usa os sentidos.

Contudo, todo o tempo as forças universais estão se derramando sobre ele, sem que tenha conhecimento delas. Ele se apercebe unicamente de pensamentos, sentimentos, etc., que se elevam até a superfície e estes são tomados como se lhe pertencessem. Na verdade, eles vêm de fora em ondas mentais, ondas vitais, ondas de sentimento e sensação, etc., que tomam nele uma forma particular e se elevam até a superfície depois de terem entrado.

Mas elas não entram no corpo assim de repente. O homem carrega à sua volta uma consciência ambiental (chamada pelos Teosofistas de Aura), na qual elas penetram primeiro. Se você puder tornar-se consciente deste seu eu ambiental, então pode apanhar o pensamento, a paixão, a sugestão ou força da doença e evitar que se instalem em você. Se você expulsar coisas de si, elas geralmente não se afastam, mas procuram se refugiar nesta atmosfera ambiental e, de lá, tentam entrar outra vez. Ou elas se afastam até uma certa distância e permanecem nas proximidades, ou mesmo longe, talvez esperando, até encontrarem uma oportunidade para tentar a entrada.

Cada plano de nosso ser - mental, vital, físico - tem sua própria consciência separada, embora interligada e interagindo; mas para nossa mente e sentido, em nossa experiência desperta, elas estão todas juntas, misturadas. O corpo, por exemplo, tem sua própria consciência e age a partir dela, mesmo sem qualquer vontade nossa ou até contra essa vontade e nossa mente superficial conhece muito pouco acerca desta consciência-corpo, sentindo-a apenas de modo imperfeito, vendo apenas seus resultados e tendo a maior dificuldade em descobrir suas causas. É parte do Yoga tornar-se perceptivo desta consciência separada do corpo, para ver e sentir seus movimentos e as forças que agem sobre ela, de dentro ou de fora, e aprender como controlá-las e dirigi-las, mesmo em seus mais ocultos e subconscientes processos. Mas a própria consciência-corpo é apenas parte da consciência física individualizada em nós, que reunimos e construímos das forças conscientes secretas da Natureza física universal.

Existe a consciência física universal da Natureza e há a nossa própria, que é uma parte dela, movida por ela e usada pelo ser central para suporte de sua expressão no mundo físico e para um manejo direto de todos estes objetos e movimentos e forças externos. Este plano-consciência físico recebe dos outros planos seus poderes e influências e constrói formações deles em seus próprios domínios. Portanto, temos uma mente física, bem como uma mente vital, e uma mente propriamente dita; temos uma parte física vital em nós - o ser nervoso - bem como o vital propriamente dito, e ambos são amplamente condicionados pela parte corpórea material grosseira, que é quase completamente inconsciente à nossa experiência.

A mente física é aquela que está voltada para os objetos e acontecimentos físicos, vê e compreende isso apenas, e lida com eles de acordo com sua própria natureza, porém dificilmente pode responder a forças mais elevadas. Deixada a si própria, é cética a respeito da existência de coisas suprafísicas, das quais não tem nenhuma experiência direta e para as quais não pode encontrar nenhum indício; mesmo quando tem experiências espirituais, esquece-as facilmente, perde a impressão e o resultado e acha difícil acreditar nelas. Esclarecer a consciência física através da consciência dos planos espirituais mais elevados e supramentais é um dos objetivos deste Yoga, assim como esclarecê-la através do poder dos elementos do vital mais alto e do mental mais alto do ser é a parte mais importante do autodesenvolvimento da civilização e da cultura humana.

O físico vital, por outro lado, é o veículo das respostas nervosas de nossa natureza física; é o campo e o instrumento das sensações, desejos, reações menores de toda espécie aos impactos do físico exterior e da vida material grosseira. Esta parte vital física (suportada pela parte mais inferior do vital propriamente dito) é, portanto, o agente da maior parte dos movimentos menores de nossa vida externa; suas reações habituais, suas mesquinhas obstinadas são as principais pedras de tropeço no caminho da transformação da consciência exterior pelo Yoga. É, também, largamente responsável pela maior parte dos sofrimentos e doenças da mente ou do corpo, aos quais o ser físico está sujeito na Natureza.

Quanto à parte grosseira material, não é necessário especificar seu lugar porque é óbvio; mas deve ser lembrado que ela também tem uma consciência própria, uma consciência obscura própria aos membros, células, tecidos, glândulas, órgãos. Tornar esta obscuridade luminosa e diretamente instrumento dos planos mais elevados e do movimento divino é o que queremos dizer em nosso Yoga, quando falamos em tornar o corpo consciente isto é, cheio de uma verdade desperta e de percepção responsiva, em vez de sua própria semi-consciência obscura e limitada.

Forças e Poderes Ocultos

Forças Ocultas: são forças que só podem ser conhecidas quando passamos por trás do véu dos fenômenos aparentes, especialmente as forças dos planos físicos sutis e suprafísicos.

Poderes Ocultos: os verdadeiros mistérios e forças espirituais ocultos podem ser atraídos para baixo ou podem descer sem serem chamados, mas isso não deve ter tanta importância como a única coisa verdadeira, a busca do Divino, e se isso for parte do plano Divino em você.

Os poderes ocultos podem apenas ser, para o homem espiritual, um instrumento do Poder Divino que o usa; eles não podem ser o objetivo ou um objetivo de sua disciplina espiritual. A procura de poderes ocultos é considerada desfavorável pela maior parte dos mestres espirituais na Índia, porque pertence a planos inferiores e, geralmente, aquele que busca é empurrado para um caminho que pode levar muito longe do Divino. Especialmente um contato com as forças e seres do plano astral (ou como o chamamos, vital) é acompanhado de grandes perigos.

Os seres desse plano são, usualmente, hostis ao verdadeiro objetivo da vida espiritual e estabelecem contato com o aspirante para oferecer-lhe poderes e experiências ocultas apenas para desviá-lo do caminho espiritual, ou então para estabelecer seu próprio controle sobre ele ou apossar-se dele para seus propósitos. Freqüentemente, apresentando-se como poderes Divinos, desviam, dão sugestões e estímulos errados e pervertem a vida interior. Muitos são aqueles que, atraídos por esses poderes e seres do plano vital, terminam em queda espiritual definitiva ou perversão e desordem mental e física. Inevitavelmente, entramos em contato com o plano vital e penetramos nele pela expansão de consciência resultante de uma abertura interior, porém não devemos nunca nos colocar nas mãos destes seres e forças ou permitir sermos guiados por suas sugestões e impulsos. Este é um dos principais perigos da vida espiritual e prevenir-se a seu respeito é uma necessidade para o aspirante, se ele quiser alcançar a sua meta. É verdade que muitos poderes suprafísicos ou supranormais vêm pela expansão da consciência no Yoga. Elevar-se acima da consciência do corpo, agir por meios sutis nos planos suprafísicos, etc., são atividades naturais para o Yogue. Mas estes poderes não devem ser procurados, eles vêm naturalmente e não têm a característica astral. Também eles devem ser usados em linhas puramente espirituais, quer dizer, pela Vontade Divina e pela Força Divina como um instrumento, mas nunca por intermédio das forças e seres do plano vital. Procurar seu auxílio para estes poderes é um grande erro.

O Oculto e o Espiritual: A realização espiritual é de importância primordial e indispensável. Acho melhor procurar primeiro o desenvolvimento espiritual e psíquico e tê-los com igual plenitude, antes de entrar nas regiões ocultas. Aqueles que entram primeiro nestas últimas, talvez atrasem muito sua realização espiritual; outros caem nas complicadas armadilhas do mundo oculto e não saem delas nessa vida. Alguns, sem dúvida, podem trilhar ambos, o oculto e o espiritual e fazê-los ajudar-se mutuamente; mas o processo que sugiro é mais seguro.

Os fatores que nos servem de orientação devem ser a união do espírito e do ser psíquico com o Divino; as leis e fenômenos ocultos têm que ser conhecidos apenas como intermediários, não como princípios dirigentes. O mundo oculto é um campo vasto e complicado, não destituído de seus perigos. Não precisa ser abandonado, mas não devemos lhe dedicar o primeiro lugar.

Ocultismo: é o conhecimento e o uso correto das forças escondidas da Natureza. Verdadeiro ocultismo significa uma busca das realidades suprafísicas e um descobrimento das leis ocultas do ser e da Natureza, de tudo que não é óbvio na superfície. Um conhecimento integral exige uma exploração, uma revelação de todos os domínios possíveis de consciência e experiência. Porque há domínios subjetivos de nosso ser que estão por trás da superfície evidente; estes devem ser sondados e o que for apurado deve ser admitido no âmbito da realidade total. Uma série de experiências espirituais abrange um domínio muito grande da consciência humana; devemos entrar nela até suas profundidades mais profundas e suas mais vastas extensões. O domínio suprafísico é tão real quanto o físico; conhecê-lo é parte de um conhecimento completo. O conhecimento suprafísico tem sido associado ao misticismo e ao ocultismo e o ocultismo tem sido banido como uma superstição e erro fantástico. Porém o ocultismo é uma parte da existência; um verdadeiro ocultismo significa nada mais que uma busca das realidades suprafísicas e a revelação das leis ocultas do ser e da Natureza, de tudo que não é óbvio na superfície. É uma tentativa de descobrir as leis ocultas da mente e da energia mental, as leis secretas da vida e da energia-vida, as leis secretas do físico sutil e suas energias - de tudo que a Natureza ocultou dentro das operações visíveis na superfície. Procura também a aplicação dessas verdades e poderes escondidos para, assim, estender o domínio do espírito humano além das operações comuns da mente, das operações comuns da vida, das operações comuns de nossa existência física. No campo espiritual, que é oculto à mente superficial, à medida que ela passa além do normal e entra dentro da experiência supranormal, há possibilidades de não apenas ser descoberto o eu e o espírito, como também a descoberta da luz da consciência espiritual e do poder do espírito, do caminho espiritual do conhecimento, o caminho espiritual da ação, que elevam, informam e guiam. Conhecer essas coisas e trazer suas verdades e forças para dentro da vida da humanidade, é parte necessária de sua evolução. A própria ciência é, a seu modo, um ocultismo porque traz à luz as fórmulas que a Natureza escondeu, e usa seu conhecimento para libertar as operações dessas energias que ela não incluiu nas suas operações ordinárias, para organizar e colocar a serviço do homem seus poderes e processos ocultos, um vasto sistema de magia física - pois não existe nem pode haver outra magia melhor do que a realização das verdades secretas do ser e dos poderes e processos secretos da Natureza. Pode até mesmo ser descoberto que um conhecimento suprafísico seja necessário para completar o conhecimento físico, porque os processos da Natureza física têm por trás deles um fator suprafísico, um poder e ação mentais, vitais ou espirituais, que não são tangíveis a qualquer meio exterior de conhecimento.

O Eterno, O Infinito, O Único

No começo, dizem, havia o Eterno, o Infinito, o único. No meio, dizem, está o finito, o transiente, os Muitos. No fim, dizem, estará o único, o Infinito, o Eterno.

Mas quando foi o começo? Em nenhum momento do Tempo, porque o começo existe a todo momento; o começo sempre era, sempre é e sempre será. O divino começo está antes do Tempo, no Tempo e além do Tempo para sempre. O Eterno, Infinito e único é um começo sem fim.

E onde está o meio? Não existe meio; há apenas uma junção do perpétuo fim e o eterno começo; é o início de uma criação que é nova a cada momento. A criação era para sempre, é para sempre, será para sempre. O Infinito Eterno e Único é o mágico meio tempo de sua própria existência; é ele que é a criação sem princípio nem fim.

E quando será o fim? Não há fim. Em nenhum momento concebível pode haver uma interrupção. Porque todo fim de coisas é o começo de novas coisas que são ainda o mesmo único em aparência sempre progressiva e sempre periódica. Nada pode ser destruído, porque tudo é Ele, que é para sempre.

O Infinito Eterno e único é o fim inimaginável que nunca conclui o novo panorama interminável de sua glória.

Trabalhos Divinos

Em teus trabalhos há sempre estes três: o Mestre, o Trabalhador e o Instrumento. Defini-los corretamente em ti mesmo e corretamente possui-los é o segredo dos trabalhos e o deleite dos trabalhos.

Aprende primeiro a ser o instrumento de Deus e a aceitar teu Mestre. O instrumento é esta coisa externa que tu chamas de tu mesmo; e um molde da mente, uma força de poder que impulsiona, um maquinário de forma, uma coisa cheia de molas e engrenagens e parafusos e dispositivos. Não chames a isto de Trabalhador ou de Mestre; não poderia nunca ser o Trabalhador ou o Mestre. Aceita-te humildemente, contudo com orgulho, devota, submissa e alegremente como o instrumento divino.

Não há maior orgulho e glória do que ser um perfeito instrumento do Mestre.

Aprende primeiro a obedecer completamente. A espada não escolhe onde ferirá, a seta não pergunta para onde será atirada, as molas da máquina não insistem no produto que resultará de seu trabalho. Estas coisas são determinadas pela intenção e pelo trabalho da Natureza e quanto mais o instrumento aprender a sentir e a obedecer a lei pura e essencial de sua natureza, mais cedo o trabalho produzido se tornará perfeito e impecável. Autoescolha pelo motivo do poder nervoso, revolta do instrumento físico e mental, podem apenas prejudicar o trabalho.

Deixa-te levar pelo alento de Deus e sê como uma folha na tempestade. Coloca-te em Sua mão e sê como a espada que fere e a seta que voa para o alvo. Que tua mente seja como a mola da máquina, tua força como o tiro de um pistão, que teu trabalho seja como a descida do aço que dá forma e esmerilha seu objeto, Que tua fala seja o clangor do martelo na bigorna e o gemido do motor no seu trabalho e o brado da trombeta que proclama a força de Deus para as regiões. De qualquer modo faze como um instrumento o trabalho que te é natural e destinado.

A espada tem uma alegria no jogo da batalha, a seta tem uma jovialidade no seu sibilar e no seu arremesso, a terra tem um arrebatamento no seu redemoinho estonteante através do espaço, o sol tem um êxtase real de seus esplendores ardentes e de sua moção eterna. Oh tu instrumento auto-consciente, sente também o deleite de teus próprios trabalhos destinados.

A espada não pediu para ser feita, nem resiste a seu usuário, nem se lamenta quando é quebrada. Há uma alegria em ser feita e uma alegria em ser usada e uma alegria em ser posta de lado e também uma alegria em ser quebrada. Descobre alegria igual!

A Graça Divina

Gostaria de falar alguma coisa sobre a Graça Divina - pois você parece pensar que ela deva ser algo como a Razão Divina agindo por linhas não muito diferentes da inteligência humana. Mas não é isso. Também não é sequer uma compaixão Divina universal, agindo imparcialmente sobre todos que se aproximem dela e aquiecendo a todas as preces. Ela não seleciona o justo e rejeita o pecador. A Graça Divina veio para ajudar o perseguidor Saulo de Tarsus, ela veio para Sto. Agostinho, o libertino, para Jagai e Madhai, de fama abjeta, para Bilwamengal e muitos outros, cuja conversão poderia bem escandalizar o puritanismo da inteligência moral humana. Mas ela pode vir também para o justo, curando-o de seu farisaísmo e guiando-o para uma consciência mais pura além dessas coisas. E um poder que é superior a qualquer regra, mesmo à Lei Cósmica - porque todos os videntes fizeram distinção entre a Lei e a Graça. Contudo não é indiscriminada - apenas tem uma discriminação própria, que vê coisas e pessoas e condições certas e épocas apropriadas com uma outra visão que a da mente ou qualquer outro Poder normal. Um estado de Graça é preparado no indivíduo, freqüentemente, por trás de grossos véus, por meios não calculados pela mente, e quando o estado de Graça vem, então a própria Graça age.

Existem três destes poderes:

- 1) **A Lei Cósmica ou Karma** ou qualquer outro nome que se lhe dê;
- 2) **A Compaixão Divina**, que age em tantos quantos pode alcançar através das malhas da Lei, dando-lhes sua chance;
- 3) **A Graça Divina** que opera mais imprevisivelmente, mas também mais irresistivelmente que as outras. A única pergunta é se existe algo que possa responder ao chamado e se abrir, mesmo diante de qualquer dificuldade, até estar pronto para a iluminação da Graça Divina - e esse algo não deve ser um movimento mental ou vital, mas alguma coisa dentro que pode bem ser vista pelo olho interior. Se existir e tornar-se ativa à frente, então a compaixão pode agir, apesar de a plena ação da Graça poder ainda esperar, acompanhando a decisão ou mudança decisiva, pois isso pode ser adiado para uma hora futura, porque alguma parte ou elemento do ser pode ainda interferir, alguma coisa que não está pronta para receber.

Mas por que permitir que algo se coloque entre você e o Divino, qualquer idéia, qualquer incidente? Quando você está cheio de aspiração e alegria, não deixe que nada seja levado em conta, que nada seja de qualquer importância, exceto o Divino e sua aspiração. Se se quiser o Divino rapidamente, absolutamente, inteiramente, esse deve ser o espírito de aproximação, absoluto, onibarcante, fazendo disto o único ponto, livre de qualquer interferência.

Que valor têm idéias mentais sobre o Divino, idéias sobre o que Ele deve ser, como deve agir, como deve não agir - elas podem apenas impedir o caminho. Somente o Divino, Ele mesmo, interessa. Quando sua consciência abraçar o Divino, então você poderá saber o que o Divino é, não antes. Krishna é Krishna, não importa o que ele fez ou não fez: vê-lo apenas, encontrá-lo, sentir a Luz, a Presença, o Amor e a Ananda é o que importa. Assim é sempre para a aspiração espiritual - é a lei da vida espiritual.

O Divino - Uma Certeza Concreta

Comecei a escrever sobre a dúvida, mas mesmo ao fazê-lo, sinto-me assaltado pela "dúvida" se qualquer quantidade de escritos ou de outra coisa poderá algum dia persuadir a eterna dúvida no homem, que é a penalidade de sua ignorância natural. Em primeiro lugar, escrever adequadamente, significaria algo de 60 a 600 páginas, mas nem mesmo 6.000 páginas convincentes convenceriam a dúvida. Porque a dúvida existe por si mesma; sua verdadeira função é duvidar sempre e, mesmo quando convencida, continuar ainda duvidando. É apenas para persuadir aquele que a alimenta a lhe dar casa e comida que ela pretende ser uma honesta pesquisadora da verdade. Esta é uma lição que aprendi com a experiência, tanto de minha própria mente como a dos outros; o único meio de se livrar da dúvida é tomar a discriminação como o próprio detetor da verdade e falsidade e, sob sua guarda, abrir a porta livre e corajosamente à experiência.

Não obstante, comecei a escrever, mas não principiei pela dúvida, mas pela procura de Deus como uma certeza concreta, tão concreta como qualquer dos fenômenos físicos captados pelos sentidos. Ora, de certo o Divino deve ser tal certeza, não apenas tão concreta, mas mais concreta do que qualquer coisa percebida pelo ouvido, ou pela vista, ou pelo tato, no mundo da Matéria, mas é uma certeza, não do pensamento mental, mas da experiência essencial. Quando a Paz de Deus desce sobre você, quando a Presença Divina se faz sentir dentro de você, quando a Ananda se precipita sobre você como um mar, quando você é levado como uma folha ao vento pelo sopro da Força Divina, quando o Amor desabrocha e flui de você sobre toda criação, quando o Divino conhecimento inunda-o como uma luz que ilumina e transforma num momento tudo que antes era sombrio, triste e obscuro, quando tudo o que é, se torna parte da Realidade única, quando a Realidade é tudo à sua volta, você sente, de repente, pelo contato espiritual, pela visão interior, e mesmo pelo próprio físico, em todo lugar, você vê, ouve e toca apenas o Divino. Então você pode muito menos duvidar Dele ou negá-Lo do que poderia negar ou duvidar da luz do dia ou do ar ou do sol no céu - porque destas coisas físicas você não pode ter certeza, porque elas são o que seus sentidos lhe representam ser; porém nas experiências concretas do Divino, a dúvida é impossível.

Quanto à permanência, você não pode esperar, desde o começo, permanência de experiências espirituais iniciais somente uns poucos as têm e mesmo para eles a alta intensidade não está sempre presente; para a maioria, a experiência vem e se retira para detrás do véu, esperando que a parte humana esteja preparada e pronta para suportar e reter seu crescimento e sua subsequente permanência. Porém, duvidar dela por essa razão seria irracional ao extremo. Não se duvida da existência do ar porque um vento forte não está sempre soprando ou da luz do sol porque a noite intervém sobre a aurora e o crepúsculo. A dificuldade reside na consciência humana normal para a qual a experiência espiritual vem como algo anormal e é de fato supranormal. Esta débil normalidade limitada, a princípio, acha até mesmo difícil conseguir algum toque desta experiência supranormal maior e mais intensa; ou ela a consegue diluída em seu próprio estofo embotado da experiência mental ou vital, e quando a experiência espiritual vem realmente, em seu próprio poder esmagador, muitas vezes ela não a pode suportar ou quando o consegue, não a pode conservar e guardar. Contudo, se uma brecha tiver sido feita nas paredes construídas pela mente contra o Infinito, a brecha se alarga, às vezes vagarosamente, às vezes rapidamente, até não existir mais parede alguma e se estabelecer a permanência.

A Hora de Deus

Há momentos em que o Espírito se move entre os homens e o alento do Senhor se espalha sobre as águas de nosso ser; há outros em que Ele se retira e os homens são abandonados para agir na força ou na fraqueza de seu próprio egoísmo. Os primeiros são períodos em que mesmo um pequeno esforço produz grandes resultados e mudam o destino; os segundos são espaços de tempo em que muito labor redundava em poucos resultados. É verdade que o último pode preparar o primeiro; pode ser a tênue fumaça do sacrifício que se eleva aos céus e clama pelas chuvas da benevolência de Deus.

Desgraçado é o homem ou a nação que ao chegar o momento divino encontra-se dormindo ou despreparado para usá-lo, porque a lâmpada não foi conservada acesa para o acolher e os ouvidos estão selados ao chamado. Mas três vezes maldito serão aqueles que, mesmo sendo fortes e estando prontos, gastam sua força ou usam mal o momento; para eles haverá perda irreparável ou uma grande destruição.

Na Hora de Deus purifica tua alma de toda ilusão e hipocrisia e da inútil vanglória de ti, para que possas olhar em teu espírito e escutar aquilo que chama imperiosamente. Toda insinceridade da natureza, que foi uma vez tua defesa contra o olho do Mestre e a luz do ideal, torna-se uma brecha em tua armadura e convida o golpe. Mesmo se tu conquistares por um momento, tanto pior para ti, porque o golpe virá depois e atirá-lo-á por terra no meio de teu triunfo

Mas sendo puro, lança fora todo medo porque a hora é geralmente terrível, um fogo e um turbilhão e uma tempestade, as vindimas calcadas pela cólera de Deus. Porém aquele que se mantiver firme sobre a verdade de seu propósito, este permanecerá; mesmo que caia, ele se erguerá outra vez, mesmo que pareça arrebatado pelas asas do vento, ele retornará. E nem permita que a prudência terrena murmure muito próxima de teu ouvido, porque é a hora do inesperado. Não meças o poder do Sopro por teus sentimentos mesquinhos, mas tem confiança e seque em frente.

Mas acima de tudo, mantém tua alma límpida, se por um instante apenas, do clamor de teu ego. Então um fogo marchará diante de ti no meio da noite e a tempestade será teu auxílio e teu estandarte ondulará mas alturas supremas da grandeza que era para ser conquistada.

Pensamentos e Vislumbres

“Onde quer que tu vires um grande fim, fica seguro de um grande começo. Onde uma monstruosa e dolorosa destruição estremece tua mente, consola-a com a certeza de uma grande e vasta criação. Deus está não apenas na pequenina voz tranqüila, mas também no fogo e no turbilhão.

Quanto maior a destruição, mais profusas as chances de criação; mas a destruição é freqüentemente longa, demorada e opressiva, a criação tardia em seu aparecimento ou interrompida em seu triunfo. A noite retorna outra vez e mais outra, e o dia tarda a chegar ou parece mesmo ter sido um falso alvorecer. Não te desesperes, portanto, mas vigia e trabalha. Aqueles que esperam violentamente, desesperam-se rapidamente: não esperes nem tenhas medo, mas fica certo do propósito de Deus e de tua vontade em realizar.

A Mão do divino Artista trabalha freqüentemente como se estivesse insegura de seu gênio e de seu material. Parece tocar e testar e deixar, apanhar e jogar fora e apanhar de novo, laborar e falhar e remendar e juntar outra vez. Surpresas e desapontamentos são a ordem de seu trabalho antes que todas as coisas estejam prontas. O que foi selecionado é lançado no abismo da desaprovação; o que foi rejeitado, torna-se a pedra fundamental de um poderoso edifício. Mas por trás de tudo isso está a visão segura de um conhecimento que ultrapassa nossa razão e o sorriso vagaroso de uma habilidade infinita.

Deus tem todo o tempo diante de si e não necessita estar sempre correndo. Ele está certo de seu objetivo e sucesso e não se importa em quebrar seu trabalho centenas de vezes para o trazer mais perto da perfeição. Paciência é nossa primeira grande lição, mas não a apática lentidão que move o tímido, o cético, o fraco, o preguiçoso, o não ambicioso ou o débil: uma paciência cheia de uma força calma e concentrada que observa e se prepara para a hora das grandes passadas rápidas, poucas, mais suficientes para mudar o destino.

Por que Deus martela tão ferozmente seu mundo, pisa-o e trabalha-o como se fosse uma massa, lança-o tão freqüentemente num banho de sangue e no calor do inferno rubro da fornalha? Porque a massa da humanidade é ainda um minério duro, grosseiro e desprezível que de outra forma não seria fundido e moldado; conforme seu material, assim seu método. Que isso ajude a transmutá-la em metal mais nobre e mais puro, e sua maneira de tratá-la será mais gentil e suave, mais elevados e belos seus usos.

Para que Ele selecionou ou fez tal material quando tinha todas as infinitas possibilidades de escolha? Por causa de sua divina Idéia que viu diante de si não apenas beleza e doçura e pureza, mas também força e vontade e grandeza. Não desprezes a força, nem a odeie pela feiúra de algumas de suas faces, nem pense que o amor apenas é Deus. Toda perfeição perfeita deve ter em si algo do estofado do herói e mesmo do Titã. Mas a maior força nasce da maior dificuldade."

Além de nosso ansioso alcance situam-se estes cumes,
Muito elevados para nossa força e altura mortais,
Difícilmente, num tremendo êxtase de labor
Escalados pela vontade atlética e desnuda do espírito.
Austeros, intolerantes, eles exigem de nos
Esforços demasiados longos para nossa fibra mortal
Nossos corações não podem perseverar ou nossa carne suportar,
Apenas a força do Eterno em nós pode ousar
Empreender a imensa aventura dessa escalada
E o sacrifício de tudo que estimamos aqui.

Savitri

Glossário

Artha um dos quatro interesses humanos: interesse material, econômico e outros objetivos e necessidades da mente e corpo.

Avatar	revelação da Divindade na humanidade.
Chit	consciência.
Chi Shakti	a força consciente, a Energia divina, a Mãe Universal.
Daiva	destino; a influência de outros poderes que o fator humano.
Ishwara	O Senhor, o Divino, Deus como o Senhor da Criação.
Ishta Devata	a deidade escolhida; o nome e a forma eleita por nossa natureza para adoração.
Jagad-guru	o Mestre do Mundo.
Jiva	o espírito individualizado que sustenta o ser vivo em sua evolução, de nascimento para nascimento.
Papa	pecado, demérito.
Prakriti	Prakriti ou Natureza é o lado mais exterior de Shakti ou Força-Consciência que forma e move os mundos. Este lado mais exterior aparenta ser aqui um jogo de forças, gunas, etc. Por trás a viva Consciência e Força do Divino, a divina Shakti.
Punya	bem, virtude, ética, mérito.
Purusakar	esforço humano; energia individual.
Purusha	O Ser Consciente, a alma; o ser essencial que suporta o jogo de Prakriti; a Consciência - ou um Consciente por trás, que é o senhor, a testemunha, o conhecedor, o que desfruta, o sustentáculo e a fonte de sanção dos trabalhadores da Natureza.
Rajas	uma das três Gunas; qualidades ou modos da Natureza; rajas é a força em movimento; traduz-se pelo esforço e a luta, a paixão e a ação.
Sanatam Dharma	verdades eternas
Satwa	uma das três Gunas., qualidades ou modos da Natureza; o modo de harmonia, de conhecimento e de paz; a força de equilíbrio.
Sadhaka	aquele que pratica disciplina espiritual.
Shakti	energia divina cósmica; a Mãe Universal.
Shashtra	o conhecimento das verdades, princípios e poderes que governam a realização.
Sraddha	fé interior e verdadeira.
Tamas	uma das três Gunas qualidades ou modos da Natureza; o modo de ignorância e inércia; a força de inconsciência e inércia.
Utakata karma	certos efeitos poderosos de ações passadas que não são modificáveis.